

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA

WESLEY SANTOS AVELAR

God of War

As Representações do deus Odin nas músicas de Manowar e Wizard

São Luís
2016

WESLEY SANTOS AVELAR

God of War

As Representações do deus Odin nas músicas de Manowar e Wizard

Monografia apresentada ao curso de
História da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do grau de
Licenciatura Plena em História

Orientador: Prof^o Dr. Johnni Langer

São Luís

2016

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Avelar, Wesley Santos.

God of War : As Representações do deus Odin nas músicas
de Manowar e Wizard / Wesley Santos Avelar. - 2016.
61 f.

Orientador(a): Johnni Langer.

Monografia (Graduação) - Curso de História,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

1. Mitologia Nórdica. 2. Power Metal. 3.
Representações. I. Langer, Johnni. II. Título.

WESLEY SANTOS AVELAR**God of War**

As Representações do deus Odin nas músicas de Manowar e Wizard

Monografia apresentada ao curso de
História da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do grau de
Licenciatura Plena em História

Orientador: Prof^o Dr. Johnni Langer

NOTA: _____

APROVADA EM: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Johnni Langer (Orientador)

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

À Josélia Santos Avelar, muito além de mãe, a amiga e a mentora. À Claudiner da Conceição B. Avelar, além de pai, amigo motivador.

Àqueles que já fizeram parte de minha vida: Andrea Leticia da Silva Galhardo, José de Ribamar Costa Avelar e João José Costa Avelar *in memoriam*.

À Thyago Ribeiro, pelo suporte, apoio e torcida.

AGRADECIMENTOS

A todas as entidades supremas das mais variadas religiões do mundo, em especial àquelas com que tenho mais afinidade, a saber, o catolicismo, Deus e as de matriz africana no Brasil, Ogum e Oxalá.

Ao orientador de toda a pesquisa, prof. Dr. Johnni Langer. Agradeço por ter aceito orientar este trabalho com tanta atenção e dada tão boa orientação para que pudéssemos chegar à conclusão deste.

A professora Luciana de Campos, que, além de também me orientar no princípio da minha vida acadêmica, se tornou uma grande incentivadora a fazer-nos persistir no ofício de historiador junto ao seu marido e grande historiador, Johnni Langer.

Aos professores Wagner Cabral, Marcos Baccega pelas boas observações e encaminhamentos sobre minha pesquisa; a Maria Isabel, Maria da Glória, Régia Agostinho, Flávio Soares, Reinaldo Barroso, Antônia Mota, Regina Faria e todo o DEHIS.

A Ramsés Magno, grande professor que levou-me a escolher a História com tanta vontade e coragem de conseguir o reconhecimento como grande professor na Educação básica, mostrando-me a importância do nosso ofício que vai além dos muros da escola.

À minha mãe, Josélia Avelar, que soube me criar e me dotar de virtude. A meu pai, Claudiner Avelar, pelas coordenadas ao objetivo que escolhi.

Ao meu amor, Giselly Gonçalves, ou melhor, Carol ou “Carolinda” ou Cá. A ela devo todos os mais sinceros e especiais agradecimentos, por toda a dedicação e paciência que teve com este trabalho e por estar comigo deixando essa escrita mais serena e compromissada. Para ela deixo eternizado meu grande amor, carinho, respeito e dedicação.

Aos meus colegas da UFMA, a saber: Jack Franco de Sá, Marília Colins,

Alessandro Moraes, Thaís Andrea, Ruan Rosa, Michel Boaes, Valerice Fonseca, Talita Plum, Fernanda Lopes, Monicy Araújo e tantos outros, que tantas vezes se mostraram ótimos ouvintes e colaboradores da temática deste trabalho além de participarem dessa grande jornada histórica.

RESUMO

Esta pesquisa propõe um estudo das representações de um dos deuses da Mitologia Nórdica, Odin, nas músicas das bandas do gênero Power Metal, uma vertente, ramificação ou subgênero do Heavy Metal, Manowar e Wizard. Fazendo confronto entre essas apropriações do deus Odin nas letras e outros aspectos dos álbuns (Odin) Wizard e Gods of War (Manowar) sendo a primeira de nacionalidade alemã e a última, estadunidense. Como metodologia, empregamos os estudos de representação e apropriação histórica de Roger Chartier, e reflexões historiográficas sobre fontes audiovisuais.

Palavras-chave: Representações; deus Odin; Mitologia Nórdica; Power Metal.

ABSTRACT

This research proposes a study of the representations of one of the gods of Norse Mythology, Odin, in the music of the bands of the genre Power Metal, a slope, branch or sub-genre of heavy metal, Manowar and Wizard. Making confrontation between these appropriations of the god Odin in letters and other aspects of the albums Odin (Wizard) and Gods of War (Manowar), being the first of German nationality and the latest, American. As methodology, we employ the studies of representation studies and historical appropriation of Roger Chartier, and historiographical reflections on audiovisual sources.

Keywords: Representations; god Odin; Norse mythology; Power Metal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2. ODIN: DA MITOLOGIA NÓRDICA AS SUAS REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM MANOWAR E WIZARD.

2.1. Mitologia Nórdica: Uma breve apresentação.

2.2. Odin: o deus da guerra.

2.3. O Power Metal como referencial de gênero musical.

3. AS REPRESENTAÇÕES DO DEUS ODIN NOS ÁLBUNS GODS OF WAR E ODIN.

3.1. Odin representado em Gods of War (Manowar).

3.2. Odin representado em Odin (Wizard).

4. DA HISTÓRIA CONTADA À HISTÓRIA RETRATADA.

4.1. As representações do deus Odin nas capas dos álbuns Gods of War (Manowar) e Odin (Wizard).

5. USOS E ABUSOS DA MÚSICA COM ASPECTOS HISTÓRICOS.

5.1. Representações históricas como meio facilitador no processo ensino-aprendizagem.

6- CONCLUSÕES

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo central analisar a inserção de aspectos medievos relacionados à Mitologia Nórdica, com enfoque no deus Odin, no contexto do Power Metal, representado pelas bandas Manowar e Wizard, a partir dos anos 1980. Esses aspectos estarão destacados nas músicas dos álbuns *Gods of War* da banda *Manowar* e no álbum *Odin* da banda *Wizard*.

Buscaremos evidenciar a influência do lugar social do compositor da música, percebendo as representações sobre o medievo nas localidades nas quais os compositores vivem, evidenciando, também, o grau de convergência das narrativas compostas nas letras dos álbuns analisados, a fim de levar os resultados para sala de aula como apostice facilitador para o ensino e aprendizagem; as formas de interpretação musical de cada banda, destacando figurino e aspectos sonoros em cada álbum, comparando-as com fontes literárias. Analisaremos iconograficamente as capas dos álbuns, a fim de evidenciar todos os aspectos que compõem a produção do álbum. Por último, buscaremos evocar a importância de toda a análise das representações presentes na música como ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem, desde as formas de uso já elaboradas metodologicamente por Marcos Napolitano, até as utilizações propostas neste trabalho.

Dessa forma, justifica-se a escolha da temática, metodologia e fontes, que se complementam e configuram todo o conjunto de trabalhos inseridos nessa perspectiva. De modo que, a escolha da música, em todo seu conjunto, se justifica por que constitui um dos ricos conjuntos artísticos importantes a serem analisados pela História, consistindo em uma das formas de representação do passado.

Embora se tenha utilizado a música como uma fonte, no Brasil, este tipo de fonte ainda se é pouco aproveitada, visto que ainda tem certo “preconceito” pelos historiadores mais tradicionais em se utilizar de meios midiáticos que incluem os quadrinhos, filmes, seriados e a música com conteúdo histórico, ou pelos menos, com apropriações de contextos históricos no seu conteúdo a ser difundido. Tem-se por parte de alguns historiadores pouco ou falta de conhecimento metodológico para análise da historicidade das músicas, marcados pelas reminiscências dos ideais positivistas que tratam as fontes supracitadas como marginais, no sentido de piorar suas utilizações na construção do conhecimento histórico.

Após o advento da Nova História Cultural, muito tem sido mudado com as novas abordagens de temas, junto aos novos olhares que deram um novo panorama à utilização das fontes tradicionais e a abertura da História para fontes, como a música, que outras ciências já se utilizavam, como a Sociologia e Antropologia, o que deu outro olhar para essas fontes.

Embora hoje se tenha a ideia de que a música produzida pelos compositores seja inserida em um contexto apenas ficcional, com liberdade de tratamento sobre os temas escolhidos por estes, muitos compositores que, fazendo parte da banda como vocalista ou instrumentistas ou apenas compõem para estas, tem uma considerável pesquisa acerca do tema trabalhado em suas letras. A quantidade de bandas que tem no teor de suas produções temas históricos é realmente grande, considerando uma vasta produção feita pelas bandas de metal dos anos 1980, em que muitas se preocuparam em fazer estudos para caracterizarem melhor, em termos históricos, suas composições.

Partindo dessa premissa, a música é meio de comunicação e difusão de discursos que nunca podem ser caracterizados como neutros, pois, no seu teor, possuem uma grande carga ideológica, dando um princípio para estudos sobre o autor, como nacionalidade, podendo influenciar diretamente no sentido pelo qual a mensagem da sua composição será veiculada ao ouvinte.

A partir disso, teremos algumas problemáticas a serem colocadas em análise ou mesmo, superadas no encaminhar desta pesquisa. Buscar-se-á saber se é possível utilizar músicas como objeto de estudo historiográfico e, até que ponto o diálogo entre uma fonte clássica e a música pode trazer reflexões sobre o discurso desta última; levando em consideração como o contexto social, cultural ou histórico no qual vive o compositor e o imaginário sobre o tema abordado interfere na composição das músicas em questão. Partindo desse pressuposto, analisar-se-á as ressignificações que se diferenciaram por causa da nacionalidade da banda/compositor, trazendo um aspecto metodológico focado no lugar social já citado anteriormente e aqui embasado em Michel De Certeau, em sua obra **A escrita da história** sugerindo que

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um

lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto. A escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas. (CERTEAU, 1982)

Dessa forma, trataremos a análise de como foram representados os aspectos medievos nas músicas do Power Metal dos anos 1980 e o grau de convergência histórica entre as músicas e em relação às fontes referenciadas. Ainda, buscar-se-á saber qual a pretensão estético-ideológica das capas quanto à semelhança das iconografias medievais acerca da temática.

Para tanto, buscamos nos referenciar em estudos de autores que se propuseram a abarcar artes contemporâneas que outros historiadores não tinham alcançado. Os historiadores culturais, compreendidos por historiadores que comungam da Nova História Cultural, um movimento de renovação dos anos de 1980 que colaborou para uma grande abertura da História para novos parâmetros metodológicos e uma abertura maior para o grande conjunto de fontes que podem ser utilizadas na produção historiográfica. Esses fizeram com que fosse possível a utilização da música como fonte histórica a ser analisada. Assim como os estudos iconográficos direcionados a cinema, nichos da televisão, artes plástica e, posteriormente, as histórias em quadrinho, a música pode ser entendida também como uma forma de representação do passado (LANGER, 2012, p. 268).

Quanto à pretensão estético-ideológica da música em relação a uma fonte histórica, devemos destacar que as fontes não carregam em si uma imagem perfeita do passado, os fatos elencados nas fontes são olhares sobre este, uma representação do passado. Reconstruir com exatidão o passado não nos cabe, a busca por este é o que irá interessar ao historiador, construindo seu texto para alcançar o mais próximo possível. Sobre isso, NAPOLITANO (2011, p. 281) nos indica:

Considerar fontes audiovisuais e musicais um outro tipo qualquer de documento histórico, portadoras de uma tensão entre evidência e representação. Perceber em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, analisando, a partir daí, sua condição de "testemunho" de uma dada experiência histórica e social.

A música é composta por dois eixos possíveis de análise, sua composição literária (a letra, capa do álbum) e o conjunto estrutural que configura uma música (melodia, ritmo e harmonia) além de caracterizações por parte dos integrantes da banda

como vestimentas e acessórios relacionados à temática trabalhada na composição. A análise da música, mais precisamente do rock, tem uma diversidade de temas abordados que dão suporte a vários estudos de representação histórica, desde músicas com temas do medievo em casos peculiares até álbuns inteiros resgatando uma História que muitas vezes fez parte da História do país de origem do compositor.

Para tais análises, partimos da compreensão e diálogo dos estudos de Roger Chartier (1990), que nos conceitua as definições de noções de práticas, representações e apropriações. O autor conclui que: as representações elaboradas ou produzidas pelos sujeitos sociais são apreensões do “real”, ou parte desse “real”, que é constitutivo de uma prática – complexa, múltipla, diferenciada, contraditória – dotada de significações de mundo. E como elo entre a prática e a representação, Chartier ressalta a importância da apropriação que “[...] tem por objetivo uma história das representações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”.

Considerando ainda sobre a questão do imaginário, partimos dos conceitos de Evelyne Patlagean (2005) que afirma que “o domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam”, dessa forma, cada sociedade imersa em sua cultura e cada nível dessa sociedade tem seu imaginário.

Sobre a questão de conceber a música como fonte histórica e analisá-la, concebemos, a partir de Marcos Napolitano (2011), que é necessário “perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos.” Desta forma, as fontes utilizadas para esta pesquisa serão os álbuns *Gods of War* (Manowar) e *Odin* (Wizard) para perfazer a análise e destaque das representações históricas no Power Metal. Estas músicas estão contextualizadas dentro das representações do medievo e serão analisadas a partir do referencial teórico proposto por Roger Chartier e referencial metodológico, proposto por Marcos Napolitano. Ao se tratar tanto dos povos escandinavos da Era Viking e desconstrução de estereótipos, quanto sobre a Mitologia Nórdica, utilizaremos, especificamente, os trabalhos de Johnni Langer como referencial, tais como: *Dicionário De Mitologia Nórdica: Símbolos, Mitos E Ritos*, (2015); *Aspectos básicos da história e*

sociedade dos Vikings, (2005); O culto a Odin entre os Vikings, (2009); Religião e magia entre os Vikings: uma sistematização historiográfica, (2005) e Vikings (2009).

É importante ressaltar que o objetivo desta pesquisa não é de elaborar um panorama de todas as composições musicais com temática medieval, pela vasta produção de músicas inseridas nesse contexto. Analisaremos os casos das músicas voltadas a difundir a temática medieval referente à Mitologia Nórdica nos anos 1980, especificamente do deus Odin, em um dos subgêneros do Heavy Metal, o Power Metal, um subgênero do heavy metal que combina características de metal tradicional com speed metal, muitas vezes dentro de um contexto sinfônico. Evidenciando o lugar social do compositor e da banda, o grau de convergência histórica da literatura musical, aspectos da sonoridade e da interpretação, as apresentações ao vivo.

2. ODIN: DA MITOLOGIA NÓRDICA AS SUAS REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM MANOWAR E WIZARD.

2.1. Mitologia Nórdica: Uma breve apresentação.

Segundo Johnni Langer (2005), a Mitologia Nórdica se refere ao conjunto de religiões, crenças e lendas dos povos que habitaram, no período pré-cristão, aqueles que hoje são os países escandinavos (Noruega, Suécia e Dinamarca), incluindo aqueles que se estabeleceram na Islândia, onde a maioria das fontes literárias para a mitologia nórdica foram escritas. Este conjunto de mitos também foi compartilhado por tribos do norte da Germânia (atual Alemanha), sendo que sua estrutura não é caracterizada por uma religião no sentido geral da palavra, pois não ter havido nenhuma reivindicação de escrituras com inspiração divina. A mitologia foi transmitida oralmente principalmente durante a Era Viking, e o atual conhecimento sobre ela é baseado especialmente nos Eddas e outros textos medievais escritos pouco depois da cristianização.

2.2. Odin: o deus da guerra.

Com base nos trabalhos de Johnni Langer, intitulados *O culto a Odin entre os vikings e Vikings* no livro *Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking* (2009) e o *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos* (2015), Odin ou *Óðinn*, em nórdico antigo, foi a suprema deidade dos escandinavos e mais poderoso deus da Mitologia Nórdica, chamado pelos germanos antigos de Wotan e considerado o pai dos deuses; além de outras diversas denominações mais antigas como Wöden em Anglo-saxão; Woden em Saxão antigo; Wodan em Francônico antigo; Wutan e Wuoatan em Alto Alemão antigo; Wut em Alemão e Wóds em gótico. Era responsável por diversas funções, dentre elas: deus da sabedoria, da guerra e da morte, embora também, em menor escala, da magia, da poesia, da profecia, da vitória e da caça.

Ele era membro da família de divindades chamada de Ases, marido da deusa Frigg e pai dos deuses Baldr, Bali, Hödr, Thor, Týr e Váli. Odin era quem presidia as batalhas e do alto de seu trono (Hliðskjálf) observava tudo o que acontecia no universo. Sempre era acompanhado por dois corvos em seu ombro, Hugin (“pensamento”) e Munim (“memória”), que o davam informações acerca do que acontecia na Terra. Possuía um caráter sacrificial: para beber na fonte de Mimir, trocou um de seus olhos; para obter o segredo das runas (alfabeto mágico dos povos germânicos), se auto

enforcou trespassado por sua lança Gungnir, a mesma lança mágica que portava, Wotan cavalgava em um cavalo de oito patas (Sleipnir).

Na função de deus da guerra, aspecto evidenciado nos dois álbuns que serão analisados, Odin era encarregado de enviar as valquírias, para recolher os corpos daqueles considerados heróis quando mortos em batalha, os chamados *Einherjar*, que se sentam ao lado do “pai dos deuses” no Valhalla de onde este preside os banquetes. No Ragnarök, o fim dos tempos da mitologia nórdica, Odin regerá tanto deuses quanto homens na batalha contra as forças do caos. Batalha esta que o deus será morto e devorado pelo lobo Fenrir.

2.3. O Power Metal como referencial de gênero musical.

Segundo Harris M. Berger (1999), o Power Metal é associado a um gênero que tem heranças que vão desde o speed metal e o heavy metal, até uma forte influência da música erudita, observada em alguns subgêneros. Alguns autores consideram o Power Metal como uma vertente que surgiu no final dos anos de 1970, sendo às vezes rotulado de Second Wave of British Metal, uma vez que há uma discussão quanto ao berço do estilo.

Nós compreendemos que o Power Metal é a uma vertente, uma ramificação do Heavy Metal, tendo sido por Kai Hansen e Michael Weikath no começo do Helloween, compondo uma versão mais melódica e rápida do último gênero citado. Porém, é um estilo com seus próprios subgêneros, cada um com suas particularidades, sendo uns mais "pesados", e outros mais “melódicos”. Tendo por base, temáticas variadas, que vão desde o misticismo até a abordagem de temas como deuses da Mitologia Nórdica. Embora em suas origens procurasse fundir outros estilos, efetivou a ideia de "incrementar para inovar", mas mantendo as raízes que marcam o heavy metal, como distinções melódicas e distorções instrumentais.

3. AS REPRESENTAÇÕES DO DEUS ODIN NOS ÁLBUNS GODS OF WAR E ODIN.

3.1. Odin representado no álbum Gods of War (Manowar).

A partir da produção de uma série de álbuns que se dispuseram a trabalhar a temática sobre deuses de diferentes mitologias, Gods of War, décimo álbum de estúdio da banda Manowar, foi produzido com o propósito de abarcar o deus supremo da Mitologia Nórdica.

O título do álbum evidencia um dos aspectos referentes à Odin, supremo deus nórdico, como deus da guerra, sendo essa característica exaltada e contextualizada no discorrimento do álbum, que faz uma grande caracterização através de uma louvação, oração empreendida por quem brada as letras, além da narração de feitos e sacrifícios para obtenção de saberes, poderes que o coloca na posição de suprema deidade dos escandinavos.

Joey DeMaio, autor e produtor de todas as faixas (com dupla autoria somente na música "Sleipnir" na qual compôs com Karl Logan), teve a responsabilidade de compor um conjunto de quinze músicas que narrariam da ascensão ao declínio do deus da guerra. A banda fez um conjunto de narrativas que, direta e indiretamente, discorrem sobre os atos de Odin, mesmo que a maior preocupação sobre as composições tenha sido a caracterização do deus, não havendo uma narrativa das batalhas empreendidas por Odin, sendo uma preocupação maior em descrever aspectos relacionados à escatologia da mitologia nórdica.

O álbum foi montado como uma peça orquestral, com narrador e um declamador que é responsável por fazer declarações de louvor e glória aos atos e prodígios do deus da guerra. Inicia-se o hino com uma música instrumental que dá sentido à proposta do compositor, inserindo o ouvinte ao contexto do que será discorrido nos textos que narrarão e caracterizarão, em grande parte, sobre os chamados guerreiros imortais, chamados *Einherjar* que, segundo Pablo Miranda, eram "um coletivo de guerreiros mortos que são escolhidos por Odin para viver no Valhøll (Valhala) à espera do crepúsculo dos deuses, o Ragnarök".

A primeira música intitulada *Overture to the Hymn of the Immortal Warriors*ⁱ ou Abertura para o Hino dos Guerreiros Imortais faz introdução instrumental para a ópera que se seguirá, da primeira

a sétima música, o compositor se dedicará a narrar sobre os guerreiros já citados, os *Einherjar*, não citados diretamente, porém, podendo ser referenciados na fontes através da comparação entre as representações verificadas nas ressignificações empreendidas pela banda na fonte aqui analisada e as fontes literárias que tratam sobre essa temática. Seguida por duas músicas que fazem alusão indireta ao deus Odin; *The Ascension (A Ascensão)* e *King of Kings (Rei dos Reis)* nos trazem dois diferentes personagens que narram sobre a ascensão do deus, mesmo que não façam menção às narrativas produzidas nas fontes medievais, tornando as ressignificações com um menor grau de convergência histórica.

Em *The Ascension*, a proposta da música é inserir o ouvinte no contexto da superioridade de Odin desde sua geração, partindo de seu batizado:

Poderes do universo
fizeram gerar um filho.
Ele foi batizado pelo fogo, água,
terra e céu
Das trevas ele se levantou em triunfo
para ascender o trono da luz.ⁱⁱ

Fazendo referência ao Hlidozialf (lugar de honra), o trono mágico de onde Odin pode avistar os nove mundos, podendo ser comparado a esse verso da *Edda em Prosa, O Gylfaginning*: “Há um lugar ali chamado *Hlidskjálf* e quando Odin se sentava lá em seu alto trono, ele via acima do mundo inteiro e o que todos estavam fazendo e ele entendia todas as coisas que via”¹. A música encaminha à próxima e nos aponta que é parte de uma declaração de devoção, como é demonstrado no trecho seguinte:

E apenas ele
deve sempre ser conhecido
como o rei dos reis.
Eu entrei neste mundo
nascido sob um sinal de luz infinita
e aqui eu permaneço.
Agora eu entendo tudo o que sou,
viverei em seu comando.ⁱⁱⁱ

King of Kings ou *Rei dos Reis* é uma música mais complexa, interpretada em duas pessoas; a primeira o próprio Odin relata os motivos que o fizeram ser o Rei dos Reis "Rachem a terra deuses do trovão, homem e besta serão dilacerados. Na batalha, eu

¹ STURLUSON, Snorri. Trad. Arthur Gilchrist Brodeur (1916): *Gylfaginning*, capítulo 9 *Edda prosaica*. Visitado em 10.07.2015.

possuirei o direito de ser o rei dos reis". No segundo momento, existe uma pequena narrativa que faz, mais uma vez, os apontamentos para a superioridade do deus Odin, dando ênfase à referência do deus ao título de deus da guerra, sempre evocada essa característica dele como guerreiro supremo, a exemplo desse trecho seguinte: "Por que minha espada é minha alma [...] Eu trago uma tempestade e um vento mágico, o reino dos reis [...] Eu vivo e eu morrerei pela espada".

A música seguinte é *Army of the Dead, pt-I* ou Exército dos Mortos, parte I e *Army of the Dead, pt-II*, ambas contêm as mesma letra e são uma referência direta aos *Einherjers*, não citados diretamente, porém caracterizados nessa composição aspectos diretamente relacionados a estes. Estes guerreiros são ligados diretamente à figura do deus Odin e fazem parte do que caracteriza a suprema deidade nórdica como deus da guerra, com base na estrofe 20 da *Edda em prosa, Gylfaginning*, que coloca: "Odin é chamado Alfödr por que ele é pai de todos os deuses. Ele é também chamado Valfödr, por que todos que caem em batalha são seus filhos adotivos. Ele os distribui no Valhöll e Vingólf, e então eles são chamados de Einherjar."

O sentido maior é a ressignificação da vida após a morte no imaginário escandinavo medieval, apontado pelas narrativas mitológicas em que:

As concepções de vida após a morte são divididas em torno de dois grandes espaços: os que morrem em batalhas, indo para o palácio Valhala para juntar-se às valquírias e ao deus Odin; e de outro lado, os que morrem de doenças, velhice ou acidentes e vão para os subterrâneos do reino de Hel.
(LANGER, p. 543, 2015)

Ainda, estes mortos em batalha, seriam levados pelas Valquírias que, segundo Johnni Langer (p. 538, 2015) eram guerreiras responsáveis de buscar os combatentes mortos no campo de batalha para leva-los ao Valhala (Salão dos Mortos, moradia de Odin em Asgard), onde os guerreiros iriam aguardar pelo Ragnarök, o fim do mundo. Elas obedeciam à escolha do deus supremo na decisão de quem eram os vitoriosos e elas eram as que serviam estes guerreiros.

A canção é um verdadeiro convite para o ouvinte se inserir no ambiente desses guerreiros que, na esperança de adentrar os portões do Valhala, se prontificavam a levantar armas e batalhar sem medo da chegada da morte:

Lute e morra, deixe as Valkírias voarem,
por que elas te levarão ao teu lar.
Eu te prometo isto essa noite:
você ficará ao meu lado.

Os salões de Asgard te esperam com heróis
Irmãos que já morreram.
Por ti nós esperamos nos portões Asgard.
Venha se juntar a nós, ao nosso lado.
Valhala espera, então escolha vosso destino!^{iv}

Em *Sleipnir*, música que carrega outro aspecto correlacionado diretamente à Odin, descreve toda uma caracterização do corcel da deidade narrado pela voz de um guerreiro que almeja ser carregado pelo corcel para o Valhala. A canção faz interpelações entre características e funções do corcel reverenciado pelo guerreiro. *Sleipnir*, segundo Carlos Osvaldo Rocha (p. 474, 2015) “é o corcel de oito patas do deus Odin, descrito como o melhor de todos os cavalos, o mais rápido e mais resistente, capaz de ir pelo ar viajar para mundos diferentes” e levaria Odin sobre o mar, através dos céus e à terra dos mortos podendo ser relacionado a esse trecho da música:

Ele é descendente de gigantes.
Seu pai é Loki,
Deus do Fogo,
é o irmão de sangue jurado de
Odin por ele mesmo.
Ele cavalga pela terra, mar e ar.
Da terra dos vivos à terra dos mortos.

Este corcel de oito patas cruza oito,
Pontos da bússola, de oito direções.
Em oito dimensões. Ele é o que traz,
Os bravos guerreiros mortos
do campo de batalha à Valhalla!

Carregue-nos, que morremos na batalha
Sobre terra e mar.
Através da Ponte do Arco-Íris para Valhalla
Odin está esperando por mim.^v

Na canção intitulada “Loki, God of fire” (Loki, deus do fogo), observamos uma referência direta ao deus ou gigante que será o personagem responsável pelo início do crepúsculo dos deuses na Mitologia Nórdica, o Ragnarök², embora não se tenha referência direta na composição sobre o papel dele nesse episódio, a música é uma das peças que dão sentido a narrativa sobre o evento. Então, Loki foi:

A mais enigmática e controversa deidade do mundo nórdico. A sua etimologia é muito discutida; segundo Régis Boyer pode significar: lobo; fim; aranha; ar (*loptr*); fogo (*lodurr*). Também denominado de *Loge no*

² Segundo Johnni Langer (p. 282, 2015), o mais óbvio papel negativo de Loki é como causador indireto do Ragnarök, inicialmente envolvido com a morte de Balder, sendo considerado um inimigo dos deuses e condenado ao submundo, auxiliado apenas pela esposa Sigyn (*Gylfaginning* 48; *Voluspá* 33-35; *Skáldskaparmál* 16). Ele não permanecerá ao lado dos ases durante a batalha final, libertando-se e juntando-se aos monstros e entidades caóticas que habitam o reino de Hel (*Gylfaginning* 50). Loki luta contra Heimdall e ambos se matam no campo de batalha.

Nibelungenlied. Já para Rudolf Simek, não existem conexões entre Lodurr e Loki e o nome rúnico francônico *logapore*. [...] Apesar de ser nomeado por Snorri como um deus ás (*Gylfaginning 20*), vários acadêmicos como John Lindow o descrevem como um gigante morando com os deuses, devido ao fato de um gigante ter sido seu pai (Fárbauti). Sua mãe era Laufey (ou Nál), uma deusa que Simek relaciona às árvores. (LANGER, p. 281. 2015)

Primeiramente, se fez uma referência à ascendência de Loki a gigantes e na mesma estrofe uma característica deste como um amigo dos deuses, evidenciado neste trecho:

O filho dos gigantes
caminha sobre o céu,
aos deuses um amigo,
gerados besta e homem

Como um falcão ele voou
Distante através do céu
Pegar de volta o martelo
De Thor seu amigo

Muito embora o mesmo tenha ligação direta e indireta ao crepúsculo dos deuses, em relação aos seus filhos, lobo Fenrir (que matará o deus Odin) e a serpente Jomungard (que matará o deus Thor) presente nesse verso:

O pai de um lobo
e a serpente do mar.
O juiz do inferno.
Um gigante é ele!^{vi}

O título traz uma relação de Loki a Odin como irmãos, em referência da deidade como o deus do fogo (assim como na música anterior, em que *Sleipnir* é "descendente de gigantes. Seu pai Loki, deus do fogo"), cabendo destacar que tal caracterização aponta que o compositor se baseou em fontes que relacionando Loki com o deus Lodurr (também podendo ser chamado Lothur), deidade que junto a Odin e Hoenir, formando a tríade criadora da humanidade:

O primeiro [dos filhos de Bor] deu-lhes espírito e vida; o segundo, conhecimento e movimento; e o terceiro, forma, fala, audição e visão. Eles deram-lhes também nomes e vestimentas. O homem foi chamado Ask e a mulher, Embla. Deles proveio a raça dos homens, a qual fora dada Midgard como morada. (STURLUSON, 1994: 58).

Na *Völuspá*, os filhos de Bor são nomeados, dando sentido as interpretações quanto à semelhança na etimologia ou a relação proposta por outros autores quanto a Loki ser referente ao próprio termo que designa fogo (Lodurr) ou ao deus com mesma etimologia.

17. Em seguida, a partir da multidão três saíram a partir da casa dos deuses, o poderoso e gracioso; dois sem destino sobre a terra que encontraram Ask e Embla, vazios de poder.

18. Alma eles não tinham, sentido, eles não tinham, calor nem movimento, nem boa cor;

Alma deu Othin, deu sentido Honir,

Calor e cor considerável deu Lothur.

Essa tendência de incorporar a característica amigável ou apenas essa característica a Loki se evidencia em outra estrofe da música que segue: “Como um falcão ele voou distante através do céu para pegar de volta o martelo de seu amigo Thor”. Tendo o compositor se baseado no episódio do roubo do martelo de Thor (*Mjöllnir*) pelos gigantes, presente no poema éddico *Thrymskvida* (*A canção de Prym*).

Em *Blood Brothers* ou Irmãos de sangue, não há nenhuma referência sequer quanto a Mitologia Nórdica. Embora possa ser interpretada como uma suposta reafirmação da amizade do deus Loki a Odin, nada pode ser afirmado quanto a isto, pois não há nenhuma referência a ambos as deidades.

Overture to Odin inicia o conjunto de músicas que tendem a se dedicar somente ao supremo deus nórdico, a música supracitada é mais uma introdução instrumental que abre caminho para as narrativas seguintes.

Faremos a análise das duas composições que fizeram uma conceituação do deus supremo da mitologia nórdica, que mesmo não estando na sequência do álbum, se complementam e reafirmam a caracterização dada à Odin pelo compositor em cada canção, sendo elas “*The Blood of Odin*” ou “*O Sangue de Odin*”, canção cantada em terceira pessoa que faz toda uma caracterização a suprema deidade, dando a entender que a história de sacrifícios da deidade suprema está sendo difundida aos ouvintes de forma a reavivar a crença sobre todo o poderio de Odin; já “*Odin*”, música intitulada e que menção direta ao deus nórdico, traz o próprio Odin cantando seus feitos, sacrifícios e suas glórias, categorizando a música como um próprio esplanar de feitos da deidade.

The Blood of Odin ou O Sangue de Odin traz, *à priori*, uma rica caracterização de Wotan. A começar por essa primeira estrofe:

Sobre seus ombros
pousam dois corvos,
Hugin and Munin.
Eles circulam a terra
de dia vendo tudo,
a noite eles reportam-no
as mensagens do mundo.

Ele usa um elmo de ouro
 e um anel de ouro,
 ao seu lado sentam dois lobos.
 Suas armas, uma espada mágica
 e uma lança chamada Gungnir,
 estão cravadas de runas.
 Seu cavalo de oito patas Sleipnir
 carrega-o pela terra, mar, e ar,
 o que traz os mortos valentes,
 os Einherjar,
 do campo de batalha
 pela ponte de arco-íris até Valhalla.^{vii}

Os aspectos que fazem parte das representações de Odin desde as fontes literárias até as fontes contemporâneas, onde se fazem presentes os corvos, os lobos, o elmo e o anel, sua lança e seu cavalo, podendo ser apontados na edda prosaica *Gylfaginning* 47-48,

Então Gangleri disse: "Óðinn tem o mesmo alimento que os Einherjar?" Hárr disse: "A comida que é colocada sobre sua mesa Ele dá para seus dois lobos chamados Geri (Voraz ou Faminto) e Freki (Ganancioso ou Glutão), mas Ele não precisa comer. Vinho é para Ele comida e bebida, como é dito aqui:

47. Geri e Freki o sábio e acostumado à batalha, o famoso Herjaföðr os alimenta, mas Óðinn o pai das armas sempre vive apenas de vinho. Dois corvos se sentam em seus ombros e trazem a seus ouvidos todas as novas que eles veem ou ouvem; eles são chamados Huginn (Pensamento) e Muninn (Memória). Ele os envia afora na alvorada para voar sobre o mundo inteiro, e eles voltam no tempo do café da manhã; desse modo ele chega, a saber, de grandes novidades, e por isso os homens o chamam de Hrafnaguð (Deus dos Corvos). Assim é dito aqui:

48. Huginn e Muninn voam acima da terra todo dia.
 Eu temo que Huginn possa não voltar, embora Eu temo mais por Muninn."

Acerca da lança Gungnir, citada na estrofe, era um objeto mágico de Odin junto ao anel Draupnir, faziam parte de um conjunto de objetos fabricados pelos anões, junto a outros objetos mágicos relacionados aos deuses nórdicos, a exemplo do colar de Freyja, do navio Skíðblanir de Freyr e do martelo Mjöllnir de Thor (LANGER, 2015: 223). Em outra comparação às fontes literárias medievais, a música nos remete a um aspecto sacrificial de Wotan, quando este se autoimola com uma lança (não é citado o nome Gungnir) e se pendura na Yggdrasil³, como pode ser apontado na estrofe 138 da

³ Com várias referências tanto nas *Eddas poéticas* quanto nas *Eddas prosaicas*, a Yggdrasil refere-se à árvore no centro do mundo que dá sustento e unidade às nove diferentes partes do mesmo, sendo *Midgard*, o mundo dos homens; *Asgard*, o mundo dos *Æsir* (deuses ligados a Odin); *Vanaheim*, mundo dos *Vanir*; *Helheim*, o mundo dos mortos; *Svartalfheim*, o mundo dos anões ou elfos escuros; *Alfheim*, o mundo dos elfos claros; *Jotunheim*, o mundo dos gigantes de rocha e de gelo (*Jotuns*); *Niflheim*, o mundo de gelo eterno. *Muspelheim*, o mundo de fogo.

Edda poética *Hávamál*: “Estive pendurado nove noites, na árvore açoitada pelos ventos por trespassado e dado a Óðinn, eu mesmo, a mim mesmo, naquela árvore que nenhum homem sabe de onde brota⁴.”. Outra propriedade da lança Gungnir é a presença da Runas⁵ em seu corpo, tendo essa referência na *Edda* poética *Sigrdrífumál* 17-18:

17. Em vidro e em ouro e em encantos formosos, no vinho e na cerveja, e bancos nos bem-amado, no ponto de Gungnir, e sobre o peito de Grani, Sobre as unhas de Norns, e a noite-coruja de bico.

18. Raspadas foram as runas que de idade foram escritas, e misturado com o hidromel santo. E enviado em formas tão largas; Então, os deuses tinham-os, então os elfos conseguiu-los e alguns para o Wanes tão sábio, E alguns para homens mortais.

Sons of Odin (Filhos de Odin), traz uma caracterização reservada a outro personagem da Mitologia Nórdica ligada a Odín, desta vez, aos guerreiros enfurecidos que usualmente estão ligados a temas da aristocracia escandinava e ao deus Óðinn (MIRANDA, 68. 2015). A música os liga diretamente ao “pai de todos”, dividida em duas partes, sendo a primeira cantada em primeira pessoa, dando sentido a uma evocação desse guerreiro à espera da batalha e de sua entrada no Valhala, sendo possível observar nos trechos abaixo:

Próximo à fogueira eu vagueio,
pela noite negra eu reflito.
Os fios das nossas poderosas espadas
se colidem caindo pelos nossos machados
os capacetes esmagados.

Glória e fama - Sangue é nosso nome!
Almas cheias de trovões - Corações de aço!
Assassinos de homens - Amigo de guerreiros jurados
a vingar nossos irmãos caídos até o fim.

Um dia também eu poderei cair
Eu entrarei nos salões de Odin,
eu morrerei com espada na mão.
Meu nome e meus feitos irão queimar a terra.

Filhos dos deuses, hoje nós devemos morrer.
Abra os portões de Valhalla,
deixe a batalha começar.
Com espadas ao vento,
saúdem os deuses da guerra.

Sugerimos a leitura do verbete de mesmo nome no Dicionário de Mitologia Nórdica organizado pelo prof. Dr. Johnni Langer.

⁴ Traduzido por Théo de Borba Moosburger.

⁵ Segundo Ms. Munir Lutfé Ayoub (2014), “são caracteres que formam um alfabeto que nos fornece dentre outras coisas textos de um período onde a oralidade tinha grande força e a escrita tinha um menor grau de utilização, o período pré-cristão dos povos nórdicos”.

Tendo essa primeira parte focada em apresentar essa fala de um guerreiro e também relacioná-lo ao deus supremo nórdico, verifica-se que o intuito é transportar a banda ao contexto e vivência de tais guerreiros:

Filhos de Odin,
nós quatro,
pelo martelo de Thor,
cavalgando dos céus.
Outro nasceu outro deve cair.
Esse dia homens morrerão.

Quando a banda, formada por quatro integrantes, insere em sua composição sua própria simbologia presente na imagem utilizada no álbum aqui analisado (os quatro integrantes representando o personagem da temática abordada empunhando espadas ao vento e formando a letra M, notoriamente relacionado ao nome da banda, Manowar), como uma saudação aos chamados filhos de Odin, ou, esses guerreiros evocados em todo o álbum⁶.

Na segunda parte da música, dessa vez, apresentada por um narrador, se tem uma busca por enfatizar o teor característico dos Berserker, deixando clara a referência à Odin. Essa ligação pode ser observada na *Ynglinga saga*: “Seus próprios homens iam sem armadura e agiam como cachorros e lobos, mordendo seus escudos, eram fortes como ursos e touros. Eles matavam pessoas, e nenhum fogo ou aço os afetava; isso é chamado *berserkgangr*” (*Ynglinga saga* 6). E também pode ser observada na construção da música nesse segundo momento de *Sons of Odin*:

Avante no coração da batalha
Lutaram os filhos de Odin
Inumeráveis por muitas vezes
Ainda eles lutam
Sangue derramado pelas suas feridas
No fundo da terra
Abutres esperam pelas carcaças quebradas
Que um dia foram corpos
Mas só Odin escolherá o dia
Eles entrarão em Valhalla
E na sua hora de necessidade
Ele envia diante deles
A fúria berserker
Agora deuses e homens
Eles se levantam do chão

⁶ Para maior compreensão, ver o capítulo “*Da História contada à História retratada*” deste trabalho, onde será focado a análise das imagens utilizadas nas capas de ambos os álbuns aqui analisados.

gritando como animais selvagens
 Tamanho é o dom do poder absoluto
 Nenhuma lâmina ou
 arma pode machucá-los
 Eles matam homens e
 cavalos da mesma forma
 E todos que compreenderem
 após eles morrerem naquele dia
 Saúdem os deuses da guerra^{viii}

Essa caracterização escrita dos Berserkir como assassinos sanguinários é identificada também nas Sagas Islandesas com conteúdo voltado ao fantástico, a exemplo do Haraldskvæthi (A Balada de Haraldr), que faz uma descrição bem elaborada desses guerreiros.

Eles empilham homens e escudos brancos; lanças ocidentais e espadas francas; urraram os berserkir, era o momento da batalha, uivaram os úlfhednar e sacudiram as armas do equipamento berserkr lhe pergunto, provador de sangue como conseguem ficar, eles que avançam para a batalha, homens valentes? Úlfhednar são chamados em batalha eles carregam escudos ensanguentados; avermelham as lanças quando entram em batalha; lá eles atuam juntos; apenas com homens bravos acredito que se cobriam com peles eram visto como habilidosos, os destruidores de escudo. (Haraldskvæthi 8, 12-13)

Em *Glory Majesty Unity* (Glória, Majestade e Harmonia), novamente o compositor propõe a inserção dos integrantes da banda no contexto da temática representada, dando sentido a uma narração de encenação da banda, não pelos integrantes principais, mas com dançarinos que representavam Vikings em batalha no decorrer da apresentação ao vivo da música, como pode ser visto na imagem abaixo:



Figura 1 Manowar - ao vivo com Rhapsody of Fire e HolyHell na Alemanha, março de 2007.

A banda fez uma grande encenação com objetivo de, além de fazer com que o público cantasse as evocações à Wotan, se sentisse em meio a uma verdadeira batalha como pode ser vista na imagem acima. No que consiste do teor da letra da canção, fica

evidente a proposta que a banda se dispôs a fazer, serem aqueles responsáveis por invocar Odin e fazer com que os outros guerreiros façam o mesmo, sendo um ponto alto na apresentação, como pode ser vista no trecho abaixo:

No fundo do coração da batalha
eles lutam cobertos por todos os lados,
como se todos estivessem convergidos
neles até que os quatro não pudessem ser
vistos por muito.
Com o tempo que passou, eu temi que
estivessem perdidos.

Então, lentamente os exércitos separados,
muitos estavam mortos.
Eu vi cada um dos quatro sobre seu
joelho.
Todos pararam para olhar e lhes
admiraram com um sorriso de vitória.
Antes de mandarem-nos pra dentro do
chão.

Então, eles se levantaram juntos, para
uma última tentativa:
Com suas últimas forças, eles ergueram
os braços ao ar apontando suas armas
sujas de sangue aos seus.
Eles invocaram o deus da guerra e se
fizeram prontos a morrer.
Mas Odin não vai chama-los hoje para
Valhalla.
Então, ele mandou trovões e relâmpagos
para acertar o chão.

Concedendo-os o único presente que todo
guerreiro vive na esperança - O furor
Berserker!
Agora, cheio daquela força, o poder de
mil homens foi dado a eles.
Não mais mortais, foram tocados pelos
deuses.
Essa é a hora em que eles levantam o
ataque.

Homens não caíam as dezenas,
mas às centenas, aos milhares.
E quando a fumaça baixou.
Os quatro falaram as palavras e a
multidão respondeu com a Oração Do
Guerreiro.^{ix}

Na mesma perspectiva, *Gods of War* nos traz uma oração de um guerreiro viking, trazendo estrofes já presentes em outras músicas, sendo esta, uma canção que evidencia quem são os filhos de *Wotan* que se tornaram deuses da guerra, assim como o

pai, quando estes receberam o poder *berserker* no campo de batalha, presentes na estrofe abaixo citada:

Pai, de joelhos dobrados eu lhe peço,
 erga sua mão!
 Nós os filhos de Odin
 esperamos vosso comando.
 Nascidos sob o signo do martelo,
 nós defendemos e aqui todos nós
 podemos morrer.
 Nosso sangue no chão,
 as cornetas de batalha soam.
 Deixe suas valquírias voarem.
 Descendo do céu para a batalha,
 corações cheios de fúria, cheios de trovão
 e de glória, espadas ao vento
 cruzando o céu.
 Senhores do destino,
 tragam um fim à suas histórias!
 Hoje é o dia! Nós morreremos em luta!
 Ninguém sobreviverá nem mais uma
 noite!
 } Agora Valhala está nos chamando de
 Imortais.
 Nós somos deuses da guerra imortais!
 Nós somos deuses da guerra! Odin!
 Aqui os caídos vos esperam para que
 estejamos junto a ti e ao vosso lado, deixe
 os portões de Valhala abertos.^x

Na mesma canção, o compositor insere e contextualiza a temática envolvida com a capa do álbum que se intitula com o mesmo nome da música. *Gods of War* traduz em versos orquestrados, a proposta que Ken Kelly, desenhista da maioria das capas do Manowar, de representar os integrantes da banda como os “*deuses da guerra*” ou “*filhos de Odin*”, duas referências às canções sobre aqueles que são conduzidos pelo deus supremo nórdico e por ele lutam até a chegada da morte para se juntarem a ele. Abaixo, nota-se o intuito da composição em fazer jus à imagem ou encarte do álbum, logo, podemos fazer as devidas observações e análises entre a estrofe e a imagem que seguem abaixo:

Descendo do céu para a batalha.
 Corações cheios de fúria,
 cheios de trovão e de glória!
 Espadas ao vento cruzando o céu,
 senhores do destino tragam um fim à suas histórias.



Figura 2 Imagem da capa (encarte) do álbum *Gods of War*, Manowar (2007).

No verso, “Espadas ao vento cruzando o céu”, temos a imediata observação quanto ao posicionamento dos personagens, no caso, dos integrantes do Manowar, com espadas suspensas ao ar como forma de expor sua fúria para enfrentar qualquer batalha e glória por serem os grandes guerreiros deuses de Odin. A inserção dos integrantes como personagens da temática abordada é uma prática corrente do desenhista Ken Kelly a exemplo dos álbuns desde *Into Glory Ride* de 1983, quando a imagem da capa é uma fotografia dos músicos e a partir de *Fighting The World* de 1987, quando foram pela primeira vez representados ou inseridos no contexto temático do álbum. Após esse álbum, uma série de representações empreendidas pelo desenhista fica presentes e marcam o estilo do encarte do Manowar, a presença ou dos integrantes ou do mascote *Manowarrior*, com forte influencia de estilo de um outro trabalho de Kelly, o *Cónan*. A partir da criação do personagem através da própria indumentária da banda nas performances ao vivo, o desenhista se prontificou em colaborar com essa representação imagética nos álbuns do Manowar, mais precisamente *Kings Of Metal*–1988, *The Triumph Of Steel*–1992, *Louder Than Hell*–1996, *The Dawn Of Battle*–2002, *Warriors Of The World*–2002, *The Lord of Steel*, – 2012. *Gods of War* segue à risca essa prática que se repetiu até o mais recente álbum lançado pela banda, o *Kings of Metal MMXIV* de 2014 (Anexo I).

Dessa forma, *Gods of War* destrincha seu objetivo, que é de exaltar a banda como aqueles que descendem diretamente de Odin, os filhos de Odin, ou melhor, os deuses da guerra, que incorporam todo o conjunto do álbum elaborado, tendo toda uma

dramatização orquestrada no teor musical do disco, como toda uma teatralidade na incorporação da temática com uma apresentação ao vivo de uma batalha sobre um *Drakkar* (navio Viking), na interpretação da banda e na representação como imagem na capa do disco nos contribuem para o entendimento do por que da ênfase maior dado pela banda como todo aos filhos de Odin (*Einherjars*), ao invés do próprio deus nórdico que é o propulsor para a própria existência desses chamados filhos de Odin.

No capítulo que sucederá este, traremos as análises sobre o álbum Odin, da banda Wizard, onde faremos as devidas comparações entre as formas de representação em cada álbum, trazendo como resultado, as diferenças ou semelhanças entre a tradicional e a resposta à tradição no Power Metal.

3.2. Odin representado no álbum Odin (Wizard).

Lançado em março de 2003, o quinto álbum da banda alemã, Wizard trouxe conjunto musical com proposta diferenciada que os últimos quatro álbuns da banda. Odin, como o próprio título nos relata, é um álbum conceitual sobre o deus supremo da mitologia nórdica, sendo composto por um conjunto de narrativas com o enfoque na difusão da história do *Allfather* cantada. Dessa forma, analisaremos como se deu cada representação sobre Wotan em todo o álbum, fazendo atribuições e comparações entre as letras, performance e interpretação e as Eddas que são as referências medievais sobre a Mitologia Nórdica pensada em prosas e poesias.

O álbum apresenta sua construção sobre diversas narrativas da Mitologia Nórdica, seguindo desde o princípio de Odin, quando ele se sacrifica para se tornar onisciente até o fim dos tempos nórdico, o Ragnarok. Para tanto, o álbum foi organizado para fazer uma apresentação dos fatos que levaram a este fim dos tempos, pondo Odin em foco mesmo que todas as músicas sejam cantadas em terceira pessoa, fazendo do interprete, um narrador da história contada e cantada pela banda.

Seu início se dá com a música *The Prophecy* ou *A Profecia*, que inicia uma narrativa elaborada a partir das Eddas em prosa *Gylfaginning* e *Skáldskaparmál*, poemas que fazem narrativa sobre a Mitologia Nórdica, além de poemas específicos para cada personagem. Esta canção se inicia com a narrativa sobre a deusa Idunna que, segundo Langer (2015, 264ss) é uma deusa protetora das maçãs da juventude e esposa do deus Bragi, era ainda a responsável por guardar as maçãs das quais os deuses devem se

alimentar quando envelhecem, para, desse modo, se tornarem jovem novamente que, neste primeiro recorte, se encontra desaparecida, episódio que pode ser referenciado na Edda poética Hrafnagalðr Óðins em que Idunna cai da Yggdrasil, como discorre no trecho da canção abaixo:·.

Onde está Iduna?
A deusa da vida
Quem agora daria à árvore do mundo
Água e vida?

Então os deuses foram procura-la
Em todo o mundo
Mas ninguém poderia encontrá-la
Onde ela poderia estar?^{xi}

No trecho acima, é indicado apenas um desaparecimento da deusa, não permitindo uma relação entre os principais episódios relacionados às narrativas referentes à Idunna, a exemplo do rapto dela pelo jötunn Þjazi presente na Edda em Prosa Skáldskaparmál 01-04⁷ ou quando ela cai da Yggdrasil, abandonando seus poderes e suas funções como a deusa da vida, podendo ser relacionado ao trecho da canção abaixo:

Odin tem ouvido
Que Iduna serve em Hel
Ele pediu a rainha da morte
que libertasse Iduna

Mas ela não queria ir
No escuro, ela quer viver
Onde ela poderia descansar em paz
Até o fim dos tempos.

Este trecho supracitado pode melhor relacionar a música a este episódio presente na Edda em Prosa Hrafnagalðr Óðins, em que é narrado tal episódio.

06-Nos vales habita
a curiosa Dís,
do freixo Yggdrasil
caiu;
da família dos Álfar,
Iðunn era o nome dela,
a mais jovem das velhas
crianças de Ívaldi.
07-Mal ela suportou
a queda de cima,
abaixo da árvore branca

⁷ Skáldskaparmál relata que Loki foi forçado pelo jötunn Þjazi a atrair Idunna para fora de Asgard prometendo suas maçãs. Þjazi, sob a forma de uma águia, arrebatou Iðunn e levou para sua casa. A ausência de Idunna fez com que os deuses envelheçam, logo eles perceberam que foi responsável por seu desaparecimento. Loki promete voltar com ela e, sob a forma de um falcão, encontra-a sozinha na casa de Þjazi. Ele transforma-a em uma porca e a leva de volta para Asgard.

onde encerra seu tronco;
descontente ficou
com a filha de Nörvi*,
acostumada com o agradável
domicílio em casa.

08-Os Sigtívar vêm
a aflição de Nauma (Idunna)
no lar do lobo;
dão a ela uma pele de lobo,
ela se cobriu dessa maneira,
a disposição mudou,
se deliciando em malícia,
mudando a forma dela.

11-O sábio* perguntou
a servidora do hidromel*,
progênie dos deuses
e seus sócios,
se ela sabia a origem,
duração, e fim
do céu, do Hel,
e do mundo.

12-Ela nada disse,
nem foi Gefjun* capaz
de proferir uma palavra,
nem expressar qualquer alegria;
lágrimas rolaram;
dos escudos da cabeça dela*,
da poderosa
foi tirada o poder.

Já em outro trecho da canção, é narrada uma parte da mitologia sobre o sacrifício de Odin para conseguir a sabedoria presente na fonte de Mimir, presente na Edda poética Völuspá, como pode ser visto abaixo no trecho da canção:

Odin voltou-se para Mimir
E pediu-lhe a verdade
Ele teve que dar um olho
Para ouvir as palavras de sabedoria

A profecia do Santo Norns
Um conto de morte e destruição
Odin viu o sinal final
O fim está chegando em breve

A profecia do Santo Norns
O mundo está condenado a morrer
Fogo no céu
O fim está chegando em breve

Contos do juramento
De morte e destruição
Ele viu o sinal
O fim está chegando em breve

Este episódio de Odin se encontra na estrofe 28 do Völuspá, em que o deus supremo nórdico adquire o conhecimento do seu futuro e dos mundos que estão sob sua vigilância.

28-"Ela se sentava sozinha lá fora
quando o velho homem veio,
Yggjungur* dos Æsir
e olhou em nos olhos.
"O que você quer?
Por que me testa?
Eu sei tudo, Óðinn,
onde seu olho está escondido:
na poderosa
fonte de Mímir."
Hidromel bebe Mímir
toda manhã
do penhor do Valföðr.
Quem saberia ainda mais que isso?"

As músicas que seguem fazem referencia a morte de Balder que, segundo Marlon Maltaro (2015), é um deus da raça dos Ases, sendo o segundo filho de Odin com Frigg, [...] Considerado o melhor de todos os deuses, também o mais sábio, eloquente e piedoso, tão imaculado que nada de impuro pode ingressar onde esta divindade habita.

Em Betrayed, temos a deusa Freya citada como mãe do deus Baldur, esta deusa por várias vezes é confundida ou mesmo relacionada com a deusa Frigg que, segundo LANGER (2015), Frigg é lembrada também como a mulher de Odin, o maior dos deuses, mãe do deus Balder e madrasta de Thor, Hermódr, Heimdallr, Týr, Bragi, Vidarr, Váli, Skjöldur e Hödr, além de ser considerada uma das maiores deusas, ao lado de Freyja (Skáldskaparmál 19). Enquanto Freya, segundo o mesmo autor, é a mais importante deusa da mitologia escandinava e a principal divindade dos vanes. Podendo ser referenciado no Gylfaginning 35, em que as deusas são apresentadas:

35-Sobre as Ásynjur.
Então Gangleri disse: "Quais são as Ásynjur (deusas)?" Hárr disse: "Frigg é a mais importante". Ela possui a habitação conhecida como Fensalir, e é a mais magnífica.
Sága é outra. Ela vive no Sökkvabekk, e que é um grande domicílio.
Eir é a terceira. Ela é a melhor das médicas.
Gefjun é a quarta. Ela é uma virgem, e as mulheres que morrem solteiras servem a ela.
Fulla é a quinta. Ela, também, é uma virgem e usa os cabelos soltos e uma fita de ouro ao redor de sua cabeça. Ela carrega a pequena caixa de Frigg e cuida de seus sapatos e guarda e conhece seus segredos.
Freyja é tão distinta quanto Frigg. Ela é casada com um homem chamado Óðr. Sua filha é

Hnoss; ela é tão adorável que qualquer coisa que é bela e de valor é chamado por seu nome: hnossir (tesouro). Óðr foi embora em longas jornadas e Freyja chorou por ele, e suas lágrimas são de ouro vermelho.

Desta forma, nota-se um equívoco ou confusão do autor em relação à qual deusa se referenciar como mãe de Balder, sendo Frigg quem realmente seria a mãe deste, ao invés de Freya, como pode ser visto no trecho abaixo da canção:

Os pesadelos de Freya
Mostra-lhe o que vai acontecer
Para seu filho brilhante
Baldr, o Deus da luz

Ela o viu vivo
No mundo sombrio de Hel
Morto por uma mão
Que foi guiada pelo mal.

Outro momento da música faz-se a narração contida nas Eddas sobre a morte de Balder a partir das ações de Loki⁸, momento que configura o enredo sobre a participação de Loki nas passagens anteriores ao Ragnarok (Fim dos tempos nórdico) até sua punição, consistindo em quatro músicas a este respeito: Betrayal (Traidor), Dead Hope (Esperança Morta), Dark God e Loki's Punishment (Punição de Loki). Abaixo, o trecho de Betrayal em que Loki age em prol da morte de Balder.

Loki soube que ela tinha feito
O mundo inteiro fez jurar
Que nada tem de mal alcançasse seu filho
Mas ela esqueceu aquele visco

Loki, você realmente sabe
O que você fez?
Mal surgem, os gigantes cruzam
a linha de fronteira do Norte.

Você é o enganador dos deuses
Inimigo da espécie humana
Assassino do Deus luz, Loki

Os deuses jogaram um jogo
Atirando em Baldr

⁸ Segundo Marlon Maltauro (2015), a passagem mais relevante sobre o deus nas Eddas se refere a um sonho premonitório sobre sua morte. Para prevenir que o pesadelo se concretizasse, a deusa Frigg tomou juramento de todas as coisas, as quais se comprometeram a não causar qualquer dano a Balder. Dessa forma todos os Ases se divertiam atirando objetos e golpeando o deus. Quando Loki soube do ocorrido, disfarçou-se de mulher, foi até Frigg e perguntou se nada poderia ferir Balder; a deusa contou que havia tomado juramento de todos, menos de um visco que lhe pareceu inofensivo. Loki se apossou do visco, foi até Ping e percebeu que o único deus que não participava era Hödr; ao questioná-lo, ele respondeu que não poderia intervir, pois era cego. Loki então colocou o visco na mão de Hödr e orientou a direção em que deveria atirá-lo; ao atingir o alvo, Balder caiu morto.

Porque eles sabiam
Que nada iria machucá-lo.

Loki levou alguns viscos
Feitas a partir de uma flecha
Deu para Hfrdur
E fê-lo a matar o brilhante

Duas almas agora dançando
A música dos seus sonhos
Baldur e Iduna
Mãos dadas, que eles entram por Hel^{xii}

Dead Hope ou Esperança morta faz uma referencia a lamentação dos deuses, a todo sofrimento sentido por eles após a morte de Balder. Traz também o grande furor dos deuses em prol de vingar a morte do melhor de todos os deuses, a canção é uma intermediária, introdutória às duas que seguem, mas evidencia já um futuro de trevas para os deuses.

Deuses em Asgard a chorar
Toda a esperança está desaparecida em emoções frias
O que significa no futuro?
Quando tudo é dito e feito

Baldur está morto, o Deus da vida
Morto, sangrando na areia
Baldur é morto, uma flecha envenenada
Um tiro, por uma mão mal.

Enquanto Betrayer traz a primeira narrativa, Dead Hope evidencia as lamentações dos deuses, já Dark God se inicia jurando a vingança contra o responsável pela morte do deus Balder. A música tece uma teia junto a primeira quando fala que a morte de Balder faz parte da profecia presente no Völuspá 31 a 33, Edda Poética que trata da criação do mundo à sua destruição.

31-"Eu vi Baldr
o deus ensanguentado,
criança de Óðinn,
o destino escondido;
ficava e crescia
alto no campo,
franzino e muito belo,
o visgo."

32-"Desse ramo veio
o que parecia ser franzino
um perigoso dardo de dor,
Höðr o atirou.

O irmão de Baldr*
nasceu cedo,
o filho de Óðinn
combateu com uma noite."

33-"Ele não lavou as mãos

nem penteou os cabelos,
 até trazer para a pira
 o inimigo de Baldr*.
 Mas Frigg chorou
 no Fensalir
 a dor do Valhöll.
 Quem saberia ainda mais que isso?"

Dark God já intitula Loki como o executor dos deuses, já o culpando e iniciando a narrativa referente à busca do deus Vali contra Hödr, narrativa que se segue logo após a morte de Balder⁹, quando Loki disfarçado de uma gigante foi o único ser que não chorou pela morte do deus da luz, fazendo com que o mesmo ficasse no reino de Hel até o fim do Ragnarok como pode ser vista na letra abaixo:

Vai haver sangue nas mãos
 Há ódio em seus olhos
 Um garoto inocente
 Como a profecia disse
 O executor dos deuses

Por que os deuses queriam
 O Deus das trevas morrer
 Foi culpa do Loki
 Que Baldur foi morto

Mas eles estavam cegos pela sua raiva
 Ele atravessou as sombras que ele vivia no escuro
 Aguardando seu destino tecido por Norns
 Deus do escuro-onde você está agora

Deus das Trevas tenha medo
 Wali é nossa vingança e sua morte
 Ele pode ver e sentir na escuridão a respiração
 Os deuses enviaram o mensageiro
 ao mundo negro de Hel
 Para forçar a rainha da morte
 libertar Baldur.

Com uma condição que ela concordaria
 O mundo inteiro deveria chorar
 Para libertar Baldur
 Mas a gigante não fez
 Então o Deus de luz deve ficar.
 Cheio de ódio tão selvagem dos deuses^{xiii}

Dark God é uma música bem sucinta e direta, fazendo uma narrativa clara e sendo bem relacionada às outras músicas que compõem esse quarteto envolvido nesse enredo. Loki's Punishment ou Punição de Loki é uma continuação desta narrativa, não

⁹ Segundo Marlon Maltauro (2015), após o funeral, Hermód tentou resgatar Balder do reino de Hel, porém a mesma indagou que só libertaria se todas as coisas chorassem pelo deus. Hermód retornou a Asgard, transmitiu a notícia, e então tudo chorou a morte da deidade, menos uma gigante chamada Þökk, que, segundo Snorri, era Loki disfarçado. Dessa forma, Balder somente iria retornar de Hel após o Ragnarok. Como retaliação pela morte de Balder, Loki é aprisionado pelos deuses e Hödr é morto por Vali, filho de Odin com Rind.

simplesmente uma narração, mas um julgamento à Loki que recebe a fala como terceira pessoa como se estivesse sendo um réu no tribunal de Asgard. Esta passagem faz parte da Edda em prosa *Gylfaginning*¹⁰, mesmo que a punição seja análoga a que Loki recebera em Lokasenna, a narrativa completa é relacionada à primeira Edda. Pode-se evidenciar na letra toda a caracterização da punição, além de todo ódio por parte dos deuses contra Loki.

Você nunca vai ver o sol novamente
 Não há esperança para você
 Pagará o preço pelo o que você fez
 Agora seu pesadelo está se realizando.

Esta é sua dor eterna
 Este é o teu castigo
 Vingança dos deuses
 Dor sem fim

Acorrentado a uma rocha até o fim dos tempos
 Até o começo do fim
 Tortura e dor
 Fim do seu destino por toda a eternidade
 Tortura e dor, esta é a punição de Loki

A serpente mortal acima de sua cabeça
 Veneno nas veias
 O terreno de Midgard abalada por
 seus gritos de dor

A esposa de Loki está ao seu lado
 Abraçando-o no amor
 Ela sabe que sua hora chegará.^{xiv}

Com o desfecho desse quarteto de músicas que narram os antecedentes do Ragnarok, o compositor direcionou duas canções diretamente correlacionadas ao deus Odin, *The Hall of Odin* e *The PowerGod* desempenham no álbum a função de evidenciar as características físicas e os poderes do deus supremo. A primeira música,

¹⁰ A canção *Loki's Punishment* está relacionada diretamente a passagem da Edda em prosa *Gylfaginning* 50, sendo ela: Agora Loki foi levado sem paz e foi trazido por eles numa certa caverna. Então eles pegaram três pedras pontudas e as apoiaram em um lado e fizeram um buraco em cada rocha. Então eles levaram os filhos de Loki, Váli e Nari ou Narfi. Os Æsir transformaram Váli num lobo e ele rasgou em pedaços o seu irmão Narfi. Os Æsir pegaram seus intestinos e amarraram Loki com eles sobre as três rochas: uma ficava sobre seus ombros, a segunda sobre suas costas, a terceira ficava abaixo de seus tornozelos e esse laço se transformou em ferro. Então Skaði levou uma serpente venenosa e a colocou sobre ele, de modo que o veneno pingava da serpente em sua face. Mas Sigyn, sua esposa, fica perto dele e segura uma vasilha abaixo de onde cai o veneno e quando a vasilha está cheia, ela vai esvaziar o veneno, enquanto o veneno pinga em sua face. Então ele se contorce com tal força que toda a terra treme: você chama isso de terremoto. “Ali ele permanecerá até o Ragnarökr.”

The Hall of Odin, trata primeiramente de caracterizar o Valhala¹¹, como é demonstrado no trecho abaixo:

Um corredor de ouro brilha na noite
Um hall para os guerreiros, é nosso guia
Para homens e mulheres, com honra e orgulho
Onde os fortes e corajosos viveram.

Após essa caracterização, o compositor se ateu em deslocar a letra da canção da terceira para a primeira pessoa de modo a fazer uma louvação à deidade suprema, não se atendo a fazer uma caracterização mais complexa nem do Valhala nem do próprio deus Odin.

O salão de Odin brilha na noite
O salão de Odin é meu guia

Tão forte tão sábio é o senhor deste hall
Poder e grandeza que ele traz a todos
O caolho o andarilho, o provedor da guerra
Chame-o agora, dá-lhe a todos.^{xv}

Diferentemente da música anterior, The Powergod nos traz uma caracterização direta da deidade suprema nórdica. Vários aspectos vão ser apresentados para o ouvinte, sendo a canção uma conceituação de todos os poderes de Wotan¹², além de trazê-lo como o deus da Guerra e mais alto deus em Asgard, a canção encaminha o álbum ao seu desfecho com a narração do desfecho da história de Odin, o Ragnarok.

A encarnação da força brutal
O líder da caça selvagem
O mais alto Deus em Asgard
O senhor da morte e glória

Dois corvos em seus ombros
Dois lobos a seus pés
Ele é o senhor do Salão dourado
Ele é o Deus da sabedoria

Ele é o Deus da fúria
Ele é o Deus da unidade e da guerra
Odin - o deus de poder

Agora, ele reúne o Einheriers
Ele leva-los para a batalha final.
Equitação na primeira linha
Agora sua lança atravessa o campo de batalha.^{xvi}

¹¹ Segundo Johnni Langer (2015), Valhöll (salão dos mortos) é o termo para designar a moradia de Odin em Asgard, onde os guerreiros mortos em batalha são recebidos.

¹² Ver Odin: o deus da guerra.

O álbum inicia uma narrativa com referência direta ao grande acontecimento da Mitologia Nórdica, o Crepúsculo dos deuses. *Beginning Of The End* ou *Começo do Fim* faz jus ao seu nome e introduz como se iniciaria o fim dos tempos nórdico junto a *Thor's Hammer* que nos remete ao filho de Odin, Thor que terá grande participação no Ragnarok quando enfrentaria a serpente de Midgard. Há uma grande semelhança entre a letra da canção e a narrativa do *Gylfanning 51-55*, como se pode ver abaixo a letra de *Beginning of the End*:

O galo de Asgard cantou
O galo de Hel também
Sons do chifre de Heimdall na noite
Einheriers estão prontos para lutar

Fenrir, o lobo negro, quebrando as correntes
perseguido o sol e a lua
A serpente de Midgard
deixou o mar de tristeza.

Loki monta um navio feito de pregos
Do outro lado do mundo
O gigante de Satur
Levanta-se com seus filhos

Ele cavalga através do céu
Para a linha de fronteira do norte
Aguardando seus inimigos
Gigantes de Niflheim

Na última batalha
Ele matou e lutou junto
Com o seu pai Odin
A serpente de Midgard^{xvii}

A canção *The March Of The Einheriers*^{xviii} faz apenas uma alusão acerca dos guerreiros de Odin, não fazendo caracterização mais concisa. Em *End Of All*, tem-se uma narrativa breve sobre o Ragnarok, deixando o deus Odin tomar a palavra convidativa à guerra depois que o narrador afirma que a deidade já sabia do seu futuro mas, mesmo assim, prosseguiu ao encontro desse destino.

Odin sabia a verdade.
Mas levou-os à perdição
Einheriers e deuses
Confiar em suas palavras.

Siga-me para a vitória
Vamos mate todos eles!
No olho de uma solitária lágrima
Mostra seu medo mortal.

Mil feridas estão a sangrar.
Os deuses vão morrer
Enfrentando sua eternidade
Sob os céus do Norte.^{xix}

Embora o enredo central do álbum seja o deus Odin, a banda Wizard se atentou a narrar alguns aspectos do chamado Crepúsculo dos deuses, o Ragnarok. Não se atendo a fazer maiores caracterizações sobre Odin ou mesmo narrar sobre a morte da deidade, em vez disso, há uma omissão do deus nas últimas duas canções, não sendo encaminhado o destino do deus supremo, sendo *Ultimate War* uma continuação de *End of All* e *Golden Dawn* uma canção que trata apenas do novo mundo pós Ragnarok.

4. DA HISTÓRIA CONTADA À HISTÓRIA RETRATADA.

4.1. As representações do deus Odin nas capas dos álbuns *Gods of War* (Manowar) e *Odin* (Wizard).

Este capítulo tem a perspectiva de evidenciar o grau de convergência entre as imagens produzidas para ilustrar e contextualizar a temática dos álbuns *Gods of War e Odin*, que fazem referência ao deus supremo da Mitologia Nórdica, Odin. De modo a desconstruir a ideia da música e todo o conjunto que perfaz um álbum produzido pelos compositores, desenhistas e até a própria interpretação da banda em palco, seja inserida em um contexto apenas ficcional com liberdade de tratamento sobre os temas escolhidos por estes. Porém, muitos compositores que, fazendo parte da banda como vocalista ou instrumentistas ou apenas compõem para estas, tem uma considerável pesquisa acerca do tema trabalhado em suas letras. Deste modo, evidencia-se a importância da análise dessas representações como forma de historicizar a música e fazê-la se tornar uma ferramenta para compreensão da temática abordada.

Embora boa parte dos historiadores que se propõem a ter música como fonte histórica compreendem que o elemento principal seria apenas a letra musical, deixando de fora todo um arsenal de possibilidades de compreensão histórica da melodia, da *performance* (interpretação) e a própria capa, que é o convite insersor na temática proposta pelo compositor e pela banda através do álbum, compreendemos aqui juntamente com Napolitano (2011) que a música é composta por dois eixos possíveis de análise: sua composição literária (a letra, capa do álbum) e o conjunto estrutural que configura uma música (melodia, ritmo e harmonia) além de caracterizações por parte dos integrantes da banda com vestimentas e acessórios relacionados à temática trabalhada na composição.

A análise da música, mais precisamente do rock, tem uma diversidade de temas abordados que dão suporte a vários estudos de representação histórica, desde músicas com temas do medievo em casos peculiares até álbuns inteiros resgatando uma História que muitas vezes fez parte da História do país de origem do compositor. A partir disso, iremos nos ater às análises sobre as capas dos álbuns com outras fontes e destacando a inserção dos aspectos medievos relacionados à Mitologia Nórdica nas mesmas, evidenciando a influência do lugar social do compositor e do desenhista na capa.

Análises sobre a capa do álbum *Gods of War* – Manowar.

Como já foram citadas, as capas são convites ao ouvinte de se inserir no contexto do tema a ser abordado pela banda no referido álbum. Não diferente disso, a banda Manowar se propôs, ao seu próprio estilo, representar os aspectos referentes ao tema.



Figura 3: Conan, o Guardião, arte feita por Ken Kelly.

Percebeu-se certa “demonização” dos aspectos referentes à Mitologia Nórdica. Desde a serpente até as Valquírias que apresentam asas e chifres, além da presença do que podem ser considerados demônios (gárgulas). Ainda, a capa não nos oferece uma representação direta do deus Odin, no lugar deste, há a representação dos integrantes da banda personificados em certo padrão que será explicado pelo desenhista da maioria das capas da banda, Ken Kelly, responsável pela criação do mascote da banda, o *Manowarrior*, nota-se uma influência de um outro trabalho do artista.

O desenhista traz um arcabouço de traçados que relembram o personagem Cónan, o bárbaro. Grande parte da capa do álbum analisado tem semelhança neste trabalho de Ken Kelly e, embora se trate de outra temática abordada pela banda, o desenhista, já com seus valores e lugar social englobado em seu imaginário, transpõe para sua arte aquilo que ele compreende acerca de uma mitologia diferente daquilo que acredita. Este se preocupa em expor de forma chamativa os integrantes da banda personificados como seu mascote, sendo estes servidos por quem poderiam ser relacionadas às Valquírias, porém, estas trazem o padrão erotizado do autor de outras obras, além da relação entre o fogo saído do chão com a saída dos seres mais parecidos com demônios, também presentes no personagem Cónan.



Figura 4: Capa do álbum *Gods of War* – Manowar, 2007.

Análises sobre a capa do álbum Odin – Wizard.

Com maior preocupação sobre a capa de seu álbum, a banda alemã nos insere logo de frente ao deus Odin. O designer gráfico Dirk Illing, responsável por capas de bandas conhecidas mundialmente como o Scorpions e o Running Wild, tem seu estilo bem detalhista, o que irá estabelecer uma capa mais complexa e cheia de elementos que nos apresenta de forma direta o deus nórdico, assim como as músicas.

Desde o trono ao próprio Odin, há uma rica apropriação dos aspectos referentes a este. Odin se encontra sentado em seu trono a observar o que acontece, este se



Figura 5: Capa do álbum Odin - Wizard, 2003.

encontra já sem um dos olhos, referência ao sacrifício feito para obtenção da sabedoria, ao seu lado, está disposta a sua lança (Gungnir), sobre ele o símbolo referente ao mesmo, o Valknut, símbolo que representa ao poder do deus de ligar-se sobre a mente influenciando nas batalhas controlando o medo e outras tensões dos guerreiros.

Acima de seus ombros estão Huginn

(“pensamento”), que observa para frente e Munninn (“memória”), o corvo que observa e

guarda os acontecimentos do passado; aos seus pés, os dois lobos, Geri e Freki. Existe ainda dois personagens dispostos em cada lado de Odin, à direita, a Jormungand é o segundo filho de Loki que tem o aspecto de uma gigantesca serpente. Serpente esta que, de acordo com a *Edda em Prosa*, Odin tinha raptado os três filhos de Loki, sendo Jormungand jogado no grande oceano que circula Midgard (mundo dos humanos). Tão grande era a serpente que esta seria capaz de cobrir a Terra e morder sua própria cauda. A partir disso, obteve o nome de Serpente de Midgard ou Serpente do Mundo. Já à esquerda, se encontra o lobo Fenrir, outro filho do deus Loki, e é pressagiado para matar o deus Odin durante os eventos do Ragnarök, mas por sua vez, será morto pelo filho de Odin, Víðarr.

5. USOS E ABUSOS DA MÚSICA COM ASPECTOS HISTÓRICOS.

5.1. Representações históricas como meio facilitador no processo ensino-aprendizagem.

De fato, a música como fonte a ser pesquisado é um tanto recente. Porém, já fizeram diversos trabalhos na relação História e Música. Neste trabalho, busca-se demonstrar como as letras com teor histórico podem auxiliar o professor a ampliar o conhecimento e instigar cada aluno a querer pesquisar e causar um impacto benéfico e satisfatório nas notas destes e na dinâmica de suas aulas. A música, assim como filmes, iconografias e quadrinhos também podem ser utilizados como ferramenta no processo ensino-aprendizagem, mas cabe ao professor ter acesso e/ou também fazer o trabalho de pesquisador e analisar a historicidade da letra da música ou da utilização de um instrumento situado cronologicamente no contexto histórico a ser estudado. Também se faz necessário o professor estar provido de alguns conceitos da História da Música Ocidental tendo ciência de que a música interagiu e interage com o seu momento histórico. Nesse contexto, diálogo com Raynor que afirmou:

[...] A música, a menos que não passe de rabiscos casuais em sons, tem o seu lugar na história geral das ideias, pois sendo, de algum modo, intelectual e expressiva, é influenciada pelo que se faz no mundo, pelas crenças políticas e religiosas, pelos hábitos e costumes ou pela decadência deles; tem sua influência, talvez velada e sutil, no desenvolvimento das ideias fora da música. A música não pode existir isoladamente do curso normal da história e da evolução da vida social, pois a arte em parte surge [...] da vida que seu criador leva e dos pensamentos que tem. Existe para ser executada e ouvida, e não como sons da cabeça do criador ou como símbolos escritos ou impressos no papel, mas como som concreto produzido por e para quem deseje obter satisfação daquilo que o compositor lhes oferece (RAYNOR. 1986; 14, 23).

Assim como já é utilizada as músicas referentes à Ditadura Militar no Brasil, que por muitas vezes o uso de músicas como ferramenta se restringe apenas a este assunto, pode-se usar sabiamente as músicas do Rock ou outros ritmos ou músicas do tempo estudado¹³ como uma ferramenta. Embora muitos profissionais da educação tem certo receio de utilizar em sala de aula essa ferramenta, até pelo não conhecimento por

¹³ Se possível, pois abordagem da música nas aulas de História não pode ser levada em conta com a História Antiga, pois músicas como as dos Celtas não se é possível reproduzir por estes não terem legado nenhuma documentação musical, neste caso tem-se a saída para os estudos das representações destas civilizações na música com conteúdos históricos, no que tange à música Medieval com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação, temos acesso à grande parte da música desde o Medievo, quando a escrita musical começou a ser desenvolvida.

parte dos últimos para com seus alunos se estes irão entender e diferenciar os estilos que, por vezes, nunca tiveram contato com tal música. Ou então, a discriminação por parte de algumas pessoas ocorre por ignorância, as quais acreditam que esse tipo de música está restrito a uma elite; no entendimento dessas pessoas e de muitos profissionais da educação, deve-se trabalhar apenas com os elementos que fazem parte do lugar social do aluno.

Porém, trabalhos de experiência com alunos de diversas faixas etárias e classes sociais, indica o contrário. O aproveitamento é muito satisfatório neste processo, nas formas de análise do conteúdo e vestígios de utilização de elementos regionais ou de época nas músicas, o aluno se vê quase como um especialista de história na música; este se coloca como um ser ativo no processo ensino-aprendizagem. Na compreensão de que a música como produção cultural de uma pessoa histórica em um lugar histórico, a música ganha mais uma função social e o conceito de Kátia Maria Abud no quarto capítulo do livro *Ensino de História*, (2010), denominado “Letras de música e o ensino de História”, enquadra e exemplifica bem este contexto:

Cabe ao professor entender esse processo e articular de modo hábil o contexto histórico mais amplo do período histórico estudado com as músicas apresentadas aos alunos. Trata-se de uma maneira de problematizar a ‘escuta’ musical do aluno em relação ao processo de construção do conhecimento histórico. [...] Esse percurso nos mostra que as representações históricas construídas pelos alunos com base na música podem ajudar na construção do conhecimento histórico ao propiciar a identificação dos diferentes significados dos elementos definitivos e provisórios contidos nessas representações. Esses elementos podem ser compreendidos e trabalhados de maneira diagnóstica pelo professor por meio dos instrumentos de leitura histórica da linguagem musical, processo que pode se transformar numa ponte entre a realidade atual e o passado histórico. (ABUD, 2010: 63 e 64).

No que consiste ao uso adequado por parte do educador da música em sala de aula, Priscilla Goés em seu artigo *A Utilização da Música nas Aulas de História com os alunos do 8º ano*, afirma que:

Para utilizarmos adequadamente a música no ensino de História, é necessário que o professor conheça, pelo menos, as principais características dos períodos da história da música para que possa fazer a devida correlação com o assunto que ele esteja ensinando.

Assim, o aluno poderá entender melhor que determinado estilo artístico fez parte da vida de um grupo de pessoas de tal época, ou seja, que, para cada época, existiu um público específico. Importa, também, discutir com os alunos sobre as diversas funções da música: política, religiosa, etc. (GÓES, 2011: 3)

Mais especificamente, Maria de Lourdes Sekeff, trata esse assunto partindo de estudos realizados configurados da importância do contexto musical para o desenvolvimento do aluno “[...] que promova no educador consciência das reais possibilidades e do alcance da música na educação, na medida em que esta linguagem favorece o bem estar do educando e o desenvolvimento de sua equação pessoal, bem como pontua a musicoterapia.” (SEKEFF, 2007: 13)

Então, o educador quando se utiliza desses conceitos básicos da História da Música Ocidental, das músicas que retratam um contexto histórico e/ou que contem representações de um recorte temporal, ele tem mais um fator facilitador e ampliador de diálogos entre educador e aluno, o que instigará no aluno um “gosto” pela leitura e, mais especificamente, da História. Deste modo, mostram-se os grandes horizontes em que se pode trabalhar na História, mudando a visão dos alunos de que a História é apenas a narração de acontecimentos e o destaque de heróis, para uma disciplina rica e ampla de conhecimento com teores desde culturais até sociais envolvendo o aluno nesse contexto.

Na questão do tempo que o professor tem para se atualizar, pesquisando para utilização dessas novas linguagens para o estudo da História, uma das saídas para estes problemas são os projetos de incentivo de Iniciação a Docência, o Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, compreendido, no caso, do projeto da Universidade Federal do Maranhão, como uma proposta de investir na atualização dos professores estabelecendo núcleos de discussão e reflexão sobre a disciplina História, suas maneiras de fazer e de ensinar atingindo com os resultados do projeto, assim, um público infinitamente maior, pois os grandes beneficiados serão os alunos de escolas públicas.

No projeto empreendido pelo curso de História da UFMA, nós utilizamos diversas ferramentas para facilitar a aprendizagem no ambiente escolar, desde charges até a música. As novas linguagens da História foram contempladas de modo a fazer com que os estudantes tivessem maior aproveitamento do conteúdo abordado. A exemplo do projeto do dia da “Consciência Negra” realizado no Centro de Ensino Médio Dayse Galvão, no qual este autor foi um agente/bolsista desse subprojeto, conseguimos trabalhar com a temática das religiões de matriz africana com o uso de músicas brasileiras que em seu conteúdo, abordam tal temática. Analisando conjuntamente músicas como Ogum e Minha Fé de Zeca Pagodinho, Sete Espadas do grupo Tô de

Mais, a equipe por este autor coordenada, utilizou a música como uma ferramenta que facilitou a aprendizagem de todos. Foi trabalhado também a temática sobre as representações da mulher brasileira, do sexo e da morte na música, sendo realizado um bom proveito da metodologia do uso da música em sala de aula.

A partir dessa experiência em sala de aula, a pesquisa histórica estaria com uma porta aberta para adentrar no ensino das escolas públicas, tornando-a mais acessível tanto aos professores quanto aos alunos. O campo da História e Música tenderia a aumentar caso um trabalho como esse ou outros feitos na Academia, chegassem às mãos de estudantes da educação básica que até então desconheciam qualquer produção historiográfica atual das academias brasileiras e estrangeiras.

6- CONCLUSÕES

No início desta pesquisa, pensou-se em fazer análise sobre duas bandas de mesmo gênero musical, *power metal*, que se propuseram a tratar de aspectos da Mitologia Nórdica em suas músicas. Foram escolhidas as bandas Manowar e Wizard, duas bandas de *power metal* que compuseram álbuns tratando sobre o deus Odin, *Gods of War* em 2007 pelo Manowar e *Odin*, em 2003 pela Wizard.

Embora a banda Wizard dissesse ser resposta alemã ao Manowar (banda estadunidense), a Manowar compôs um álbum de mesmo tema quatro anos após a Wizard, sugerindo uma competição entre as bandas e, a partir desse aspecto, esta pesquisa levou em consideração o lugar social de cada banda e compositor. Dessa forma, conclui-se que mesmo com a questão da nacionalidade de cada compositor, nada se viu de pejorativo quanto a Mitologia Nórdica por parte dos estadunidenses, muito menos pelos alemães que se atentaram a compor e interpretar dentro de suas perspectivas musicais; Manowar com seu conjunto musical orquestrado e a Wizard com sua vertente mais próxima ao power metal mais pesado.

Quanto às representações de Odin nas letras, observou-se em Manowar uma busca pela maestria de composição, com uma rica composição em forma de peças orquestrais que trouxeram ao autor e aos ouvintes do álbum, uma narrativa tanto nas letras quanto em todo o conjunto musical produzido pela banda, ficando evidente o embasamento do compositor quanto a diversos textos referentes às Eddas poéticas e em prosa. A Wizard, mesmo sendo autointitulada resposta ao Manowar, não alterou seu conjunto musical e encaminhou sua construção narrativa sob seu ritmo mais pesado, tendo trazido letras mais simples mas com teor fortemente embasado nas Eddas poéticas e em prosa, com uma semelhança evidente entre as letras e as Eddas *Gylfanning* e *Völuspá*.

Outro aspecto tratado foram as capas e, a partir delas, tínhamos como objetivo analisar a inserção de aspectos medievos relacionados no deus Odin. Deste modo, destacamos a inserção desses aspectos medievos nas capas dos álbuns referentes ao tema de cada banda. Embora tenhamos levantado a hipótese de diferença de representação quanto a nacionalidade de cada banda, levando em consideração todo o conjunto que configura uma banda, concluímos que, neste caso, não há nenhuma tentativa de depreciar a crença dos povos nórdicos, mesmo que a capa do Manowar

tenha certa tendência à “demonização” dos aspectos referentes, sendo explicado pelo próprio referencial do desenhista evidenciado em no texto. As capas nos dão um panorama da proposta da temática que a banda se responsabilizou em abordar, a Manowar engloba o tema ao seu tradicional padrão de desenho, enquanto a Wizard, evidencia a figura do deus Odin de forma convidativa e inseridora no contexto que será abordado, sendo duas fontes riquíssimas para as análises de apropriações e representações dos aspectos medievos em contextos contemporâneos.

No que consiste o uso de músicas no processo ensino-aprendizagem, a preocupação foi de como fazer uso desta; tem-se o conhecimento de que há um distanciamento dos professores dos Ensinos Fundamentais e Médios para com a Universidade, o que dificulta, de fato, o diálogo e a atualização destes com as novas compreensões da História. Ainda há, na realidade destes educadores, a falta de tempo (muitos trabalham três turnos para terem um bom rendimento salarial), como um dos fatores que mais contribuem para a não utilização dessas novas linguagens, o mecanicismo presente nas aulas de História poderia ser “quebrado” com a dinâmica das novas linguagens e embora pareça simples a inserção em aula, o tempo compreendido à disciplina História é pequeno, muitas vezes apenas duas aulas por semana com apenas 50 minutos, e todo um conteúdo já programado tem de ser dado em pouco tempo, se torna mais um empecilho. Através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, o PIBID, a História e o ensino desta vêm se enriquecendo e instigando os alunos na busca pelo conhecimento, pela pesquisa e pela obtenção de melhores resultados em seus rendimentos. O projeto de História da Universidade Federal do Maranhão visa inserir essas novas linguagens facilitadoras no processo ensino-aprendizagem também diminuindo a distancia entre o professor/educador da Universidade, promovendo diálogos e debates sobre o que vem sendo feito e o que se pode fazer para melhorar os ofícios do educador e do estudante.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, K. M. ; ALVES, R. C. ; SILVA, A. Ch.de M. . **Ensino de História**. 1a.. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010. v. 1.

ANÔNIMO. *Elder Edda*, séc. IX e X. Texto em nórdico antigo, edição de Guðni Jónsson:
<http://www.heimskringla.no/wiki/Eddukvæði> Tradução ao inglês por Carolyne Larrington. *The Poetic Edda*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

AYOUB, Munir Lutfe. **RUNAS: FIXANDO A ORALIDADE**. Notícias Asgardianas n. 07, abril-agosto de 2014.

BANN, Stephan. **As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado**. São Paulo: Unesp, 2004.

BOTELHO, José Francisco Hillal. **De horrores e maravilhas: aspectos da inserção da Idade Média na imprensa**. In: AEDOS. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9836>>, Acesso em: 22 de julho de 2013.

CERTEAU, Michael de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245p.

DÄHNE, Caroline Loise. MOLAR, Jonathan de Oliveira. **A música como recurso pedagógico: A representação dos bombardeios aéreos da 2ª guerra mundial nas letras de Heavy Metal**. In: História & Ensino. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12246>>. Acesso em: 22 de julho de 2013.

FERNANDES, José Lucas Cordeiro. **Cruzes Invertidas e Corpos Pintados: a permanência da figura de Lúcifer no Black Metal**. In: História, imagens e narrativas. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao15outubro2012/blackmetal.pdf>>. Acesso em: 22 de julho de 2013.

FILHO, Jorge Luiz Cunha Cardoso. **Demônios, guerreiros e pentagramas: os grupamentos juvenis a partir de álbuns de Heavy Metal**. In: Diálogos Possíveis. Disponível em:

<<http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/7/04.pdf>>. Acesso em: 22 de julho de 2013.

FIGLIARO, Adriano Alves, CONTANI, Miguel Luiz. **Das Formas Básicas e do Grotesco Bakhtiniano em Imagens do Heavy Metal e do Hard Rock**. In: Domínios da Imagem. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/121>>. Acesso em: 22 de julho de 2013.

GÓES, P. S. **A utilização da Música nas aulas de História com os alunos do 8º ano.** In: V Colóquio Internacional: Educação e contemporaneidade, 2011, São Cristóvão. V Colóquio Internacional: Educação e contemporaneidade, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LANGER, Johni – “A morte de Odin? As representações do Ragnarok na arte das Ilhas Britânicas (séc. X)”. *Medievalista* [Em linha]. Nº11, (Janeiro - Junho 2012). [Consultado dd.mm.aaaa]. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA11\langer1108.html>. ISSN 1646-740X. Acesso em: 10 mar. 2015.

_____. **DICIONÁRIO DE MITOLOGIA NÓRDICA: SÍMBOLOS, MITOS E RITOS**. EDITORA HEDRA, 2015.

_____. **Aspectos básicos da história e sociedade dos vikings**. Site **NetHistória**. Brasília, mar. 2005. Sessão Artigos. Disponível em: <http://www.nethistoria.com.br/secao/artigos/497/aspectos_basicos_da_historia_e_sociedade_dos_vikings/capitulo/1/>. Acesso em: 06 mar. 2013.

_____. **Guerreiras na Era Viking? Uma análise do quadrinho "Irmãs de escudo" (Série Northlanders)**. Roda da Fortuna: Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo Vol. 1, N. 1, 2012.

_____. **O culto a Odin entre os vikings. In: Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking**. Brasília: Editora da UNB, 2009.

_____. **“Religião e magia entre os Vikings: uma sistematização historiográfica”**. *Brathair*. 5 (2), 2005.

_____. **Vikings**. In: FUNARI, Pedro (org.). *As religiões que o mundo esqueceu*. São Paulo: Contexto, 2009a, pp. 130-143.

_____. **O poder do Imaginário Medieval**. In: *Revista OPSIS*. Disponível em: <

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/11183/8571#.Ug0DV5LvvaI>>.

Acesso em: 22 de julho de 2013.

MELLER, Lauro. **Historical Themes in Iron Maiden Songs (Part I): From the Cavemen to the Vikings**. In: *Revista Brasileira de Estudos da Canção*. Disponível em: < http://rbec.ect.ufrn.br/data/_uploaded/artigo/N3/RBEC_N3_A14.pdf>. Acesso em: 3 de abril de 2013.

NAPOLITANO, Marcos. **Fontes Audiovisuais: A História depois do Papel**. In: PINSKY, Carla Bassanezi – 3ª ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

PATLAGEAN, Evelyne. **A História do Imaginário**. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. **A História Nova**. Trad. Eduardo Brandão. – 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERNOUD, Régine. **O Mito da Idade Média**. Portugal: Publicações Europa-América, 1977.

RAYNOR, Henry. **História Social da Música, da Idade Média a Beethoven**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música seus usos e recursos**. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 2007.

STURLUSSON, Snorri. *Edda em Prosa*, 1220. Texto em nórdico antigo, edição de Guðni

Jónsson: http://www.heimskringla.no/wiki/Edda_Snorra_Sturlusonar Tradução ao inglês por Jesse L. Byock. *The Prose Edda*. London: Penguin Books, 2005.

SCOTT, Niall. HELDEN, Imke Von. **The Metal Void**. London: Inter - Disciplinary Press, 2010.

YAMAMOTO, André. ISAIAS, Artur Cesar. **O martelo, o prego e a cruz: Mitologia nórdica, o heavy metal e o cristianismo**. In: Brathair. Disponível em: < <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/435/376>>. Acesso em: 22 de julho de 2013.

WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal: the music and its culture**. New York: De Capo, 1991/2000. In: Metal ou Heavy Metal? A definição do gênero musical Disponível em: < <http://whiplash.net/materias/biografias/146852.html#ixzz2c19WZ8aS>> Acesso em: 10 de agosto de 2013.

DISCOGRAFIA

MANOWAR. *Gods of War*: E.U.A.: Magic Circle Music., 1:13:38, 2007.

WIZARD. *Odin*: Alemanha: Powerhouse Studio., 56:13, 2003.

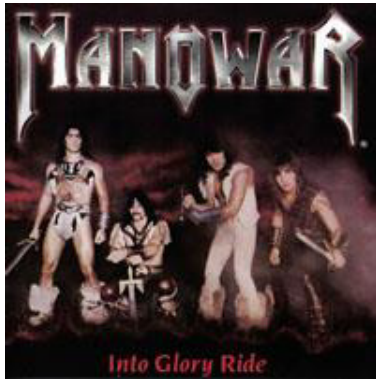
Anexo I

Figura 6 Into Glory Ride - 1983



Figura 7 Fighting The World - 1987



Figura 8 Kings of Metal - 1988



Figura 9 The Triumph Of Steel - 1992



Figura 10 Louder Than Hell - 1996

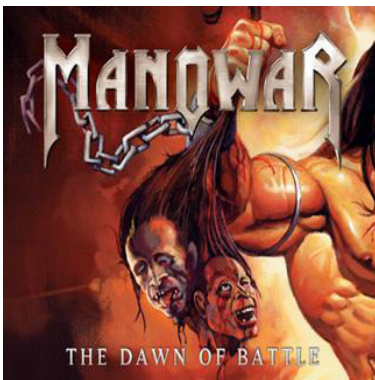


Figura 11 The Dawn Of Battle - 2002



Figura 12 Warriors Of The World - 2002



Figura 13 Gods of War - 2007



Figura 14 The Lord of Steel - 2012



Figura 15 Kings of Metal – 2014



Figura 16 Son of Darkness – 1995

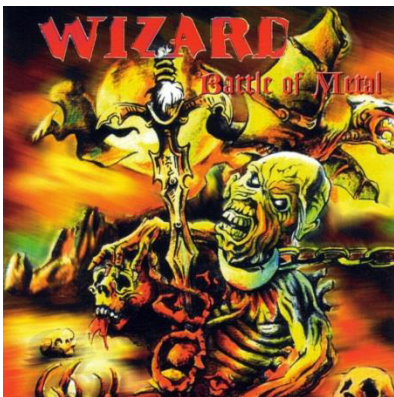


Figura 17 Battle of Metal – 1997



Figura 18 Bound by Metal – 1999

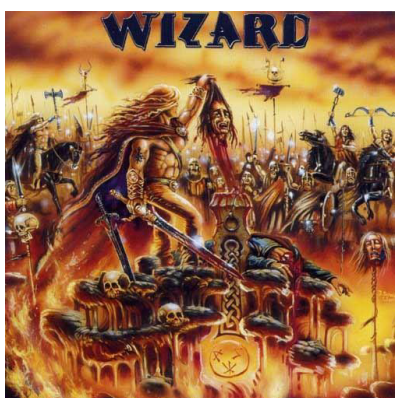


Figura 19 Head of the Deceiver – 2001

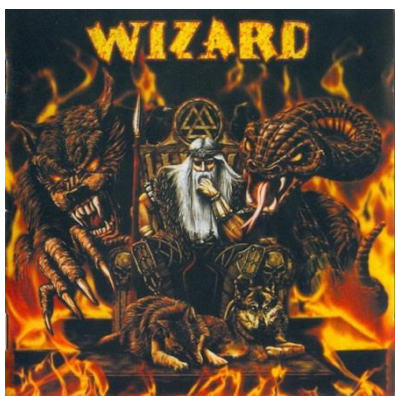


Figura 20 Odin – 2003

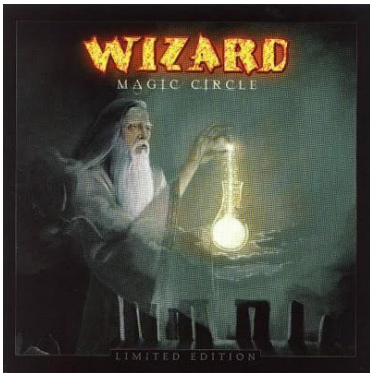


Figura 21 Magic Circle - 2005



Figura 22 Goochan - 2007

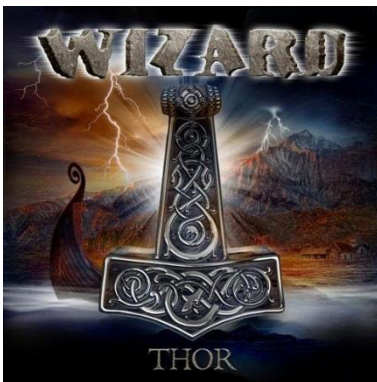


Figura 23 Thor - 2009



Figura 24 Of Wariwulfs and Bluotvarwes – 2011



Figura 25 Taste of Wizard – 2012

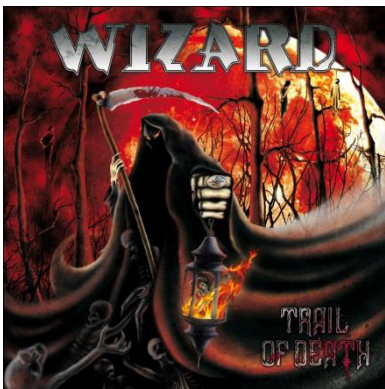


Figura 26 Trail of Death – 2013

NOTAS

ⁱ Banda *Manowar*. Álbum *Gods of War*: E.U.A.: *Magic Circle Music*, 2007.
Todas as traduções no corpo do texto são traduções livre do autor.

ⁱⁱ Banda *Manowar*. *The Ascension*. Álbum *Gods of War*: E.U.A.: *Magic Circle Music*, 2007.

Powers of the universe
Did sire a son
He was baptised
By fire, water
Earth and sky

From darkness
He rose up in triumph
To ascend the
Throne of light.

ⁱⁱⁱ Banda *Manowar*. *The Ascension*. Álbum *Gods of War*: E.U.A.: *Magic Circle Music*, 2007.

And he alone
Shall forever be known
As the king of kings

I enter this world
Born under a sign
Of infinite light
And here I shall dwell
I now understand
All that I am
Shall live in thy command.

^{iv} Banda *Manowar*. *Army of the Dead*. Álbum *Gods of War*: E.U.A.: *Magic Circle Music*, 2007.

Raise thy weapons on this day
Ye shall not die alone
Fight and die let valkyries fly
For they shall take thee home
I promise thee that on this night
Ye shall be by my side
Asgard's halls await with heroes
Brothers that have died
For thee we wait at asgard's gates
Come join us by our side
Valhalla waits so choose thy fate
For all of us must die!

^v Banda *Manowar*. *Sleipnir*. Álbum *Gods of War*: E.U.A.: *Magic Circle Music*, 2007.

He is descended from giants.
His father loki,
God of fire, is the sworn blood brother to
Odin himself.
He rides across land, sea and air
From the land of the living,
to the land of the dead.
This eight legged steed crosses eight
Points of the compass, from eight directions
Into eight dimensions. He is bringer of the
Valiant dead from the battlefield to valhalla!

Carry we who die in battle
Over land and sea
Across the rainbow bridge to valhalla
Odin's waiting for me

^{vi} Banda *Manowar*. *Loki, God of Fire*. Álbum *Gods of War*: E.U.A.: *Magic Circle Music*, 2007.

The son of giants
Walks across the sky
To the gods a friend
Fathered beast and men

As a falcon he did fly
Far across the sky
To take back the hammer
Of thor his friend

[...]

The father of a wolf
And the serpent of the sea
The ruler of hell
A giant is he

^{vii} Banda *Manowar*. *The Blood of Odin*. Álbum *Gods of War*: E.U.A.: *Magic Circle Music*, 2007.

Upon his shoulders perch two ravens,
Huginn and Muninn.
They circle the earth by day seeing all,
at night they report to him the world's tidings.
He wears a golden
Helmet and a golden ring,
at his side sit two wolves.
His weapons a magic sword
And a spear called Gungnir,
they are carved with runes.
His eight legged horse Sleipnir
Carries him over land sea and air,
the bringer of the valiant dead, the Einherjar,
from the battlefield across the rainbow bridge to Valhalla.

^{viii} Banda *Manowar*. *Sons of Odin*. Álbum *Gods of War*: E.U.A.: *Magic Circle Music*, 2007.

Glory and fame blood is our name
Souls full of thunder hearts of steel
Killers of men a warrior's friend
Sworn to avenge our fallen brothers
To the end

One day too i may fall
I will enter odin's hall
I will die sword in hand
My name and my deeds will scorch the land

Glory and fame blood is our name
Souls full of thunder hearts of steel
Killers of men a warrior's friend
Sworn to avenge our fallen brothers

Sons of the gods

Today we shall die
 Open valhalla's door
 Let the battle begin
 With swords in the wind
 Hail gods of war

Sons of odin we four
 By the hammer of thor
 Ride down from the sky
 Another is born another shall fall
 This day men will die
 Onward into the heart of the battle
 Fought the sons of odin
 Outnumbered many times
 Still they fought on
 Blood poured forth from their wounds
 Deep into the earth
 Vultures waited for the broken shells
 That once were bodies
 But odin alone would choose the day
 They would enter valhalla
 And in their hour of need
 He sent forth unto them
 The berserker rage
 Now gods and men
 They rose up from the ground
 Screaming like wild animals
 Such is the gift of absolute power
 No blade or weapon could harm them
 They killed men and horses alike
 And all who stood before them died that day
 Hail gods of war

^{ix} Banda *Manowar*. *Glory Majesty Unity* . Álbum *Gods of War*: E.U.A.: *Magic Circle Music*, 2007.

Deep into the heart of the battle they fought
 Covered on all sides as all converged on them
 Until the four could no longer be seen
 As time passed I feared them lost
 Then slowly the armies separated,
 many were dead.
 I saw the four each down on one knee
 All stopped to watch and gaze upon them
 with a smile of victory before sending them into
 the ground.

Then they rose together to make a final stand
 With their last bit of strength they raised their
 arms into the air pointing blood stained weapons to the sky
 They called upon the god of war and made ready to die
 But odin would not call them this day to Valhalla
 Instead he sent thunder and lightning to strike the ground
 Bestowing upon them the one gift
 every warrior lives in hope of - the berserker rage!

Now filled with that strength,
 the power of a thousand men was given them
 No longer mortal they were touched by the gods
 This time when they took up the attack

Men fell not by tens, but by hundreds, by thousands
 And when the smoke did clear
 The four spoke the words and
 the masses answered the response of the warrior's prayer.

^x Banda *Manowar*. *Gods of War*. Álbum *Gods of War*: E.U.A.: *Magic Circle Music*, 2007.

Father on bended knee
 I ask thee
 Raise thy hand
 We the sons of Odin
 Await thy command
 Born under the sign
 Of the hammer we stand
 And here we all may die
 Our blood on the ground
 The battle horns sound
 Let thy Valkyries fly

Down from the sky
 Into the fight
 Hearts full of rage
 Full of thunder and glory
 Swords in the wind
 Crossing the sky
 Lords of doom
 Bring an end to their story

Today is the day
 We die in the fight
 None shall remain to pass one more night
 Now Valhalla's calling us immortal
 We are Gods of war
 Immortal
 We are Gods of war

Odin here the fallen wait
 To join thee by thy side
 Let valhalla's gates open wide

^{xi} Banda *Wizard*. *The prophecy*. Álbum *Odin*: Alemanha: *Powerhouse Studio*, 2003.

Where is Iduna?
 The goddess of life
 Who now would give the world-tree
 Water and life

So the gods were seeking her
 All across the world
 But no one could find her
 Where may she've turned?

Odin rode to Mimir
 And asked him for the truth
 He had to give one eye
 To hear the words of wisdom

The prophecy of the holy Norns

A tale of death and doom
Odin saw the ultimate sign
The end is coming soon

The prophecy of the holy Norns
World is doomed to die
Fire in the sky
The end is coming soon

Odin has heard it
That Iduna serves in hell
He asked the queen of death
To set Iduna free

But she didn't want to go
In the dark she wants to live
Where she could rest in peace
Til the end of time

Tales of the oath
Of death and doom
He saw the sign
The end is coming soon

^{xii} Banda *Wizard. Betrayer*. Álbum *Odin*: Alemanha: *Powerhouse Studio*, 2003.

The bad dreams of Freya
Shows her what will happen
To her shining son
Baldur the light god

She saw him living
In the dark world of hell
Killed by a hand
Which was guided by evil

Loki heard what she'd done
She made the whole world swear
That nothing's hurt her son
But she forgot the fallen one

Loki do you really know
What you have done
Evil arises, giants cross
The border-line of the north

You are the Deceiver of the gods
Enemy of the human kind
Murderer of the light god, Loki

The gods played a game
Shooting at Baldur
For they knew
That nothing would hurt him

Loki took some mistletoe
Made from it an arrow
Gave it to Hfrdur
And made him kill the shining one

^{xiii} Banda *Wizard*. *Dead Hope*. Álbum *Odin*: Alemanha: *Powerhouse Studio*, 2003.

Two souls now dancing
 To the music of their dreams
 Baldur and Iduna
 Hand in hand they walk through Hel

Blinded by cruel darkness
 They can't see what is around
 Dazzled by their feelings
 They don't hear the chaos scream

Two souls embraced by eternity
 Brought together by a cruel destiny
 Now they'll live 'til the end of time
 In the realm of the death-queen

Baldur is dead, the god of life
 Killed, bleeding in the sand
 Baldur is dead, a poison arrow shot
 By an evil hand

Cold tears, no emotions
 Two living souls in a dead world
 See the death-queen laughing
 Don't care about their pain

Crying gods in Asgard
 All hope is gone cold emotions
 What stands in the future?
 When all is said and done

Baldur is dead, the god of life
 Killed, bleeding in the sand
 Baldur is dead, a poisoned arrow
 Shot, by an evil hand

Kill
 Shot
 Kill

^{xiv} Banda *Wizard*. *Dark God*. Álbum *Odin*: Alemanha: *Powerhouse Studio*, 2003.

There'll be blood on his hands
 There is hate in his eyes
 An innocent boy
 Like the prophecy told

The enforcer of the gods

Why did the gods want
 The dark god to die
 It was Lokis fault
 That Baldur was dead
 But they were blinded by their rage

He walked through the shadows he lived in the dark

Awaiting his destiny woven by Norns

God of the dark-where are you now
 God of the dark-be afraid
 Wali is our vengeance and your death
 He can see in the darkness feel his breath

The gods sent the messenger
 To the black world of hel
 To force the queen of death
 To set Baldur free

On one condition she would agree
 The whole world should cry
 To set Baldur is free
 But the giant won't do it
 So the light god must stay
 So wild hate filled the gods

^{xv} Banda Wizard. *The Hall of Odin*. Álbum *Odin*: Alemanha: Powerhouse Studio, 2003.

A hall of gold, shines in the night
 A hall for warriors, is our guide
 For men and women, with honour and pride
 Where the strong and brave lived inside

The hall of Odin shines in the night
 The hall of Odin is my guide

So strong so wise is the lord of this hall
 Power and greatness he brings us all
 The one-eyed the wanderer, the provider of war
 Hail him now give him all

^{xvi} Banda Wizard. *The Powergod*. Álbum *Odin*: Alemanha: Powerhouse Studio, 2003.

The incarnation of brutal power
 The leader of the wild hunt
 The highest god in Asgard
 The master of death and glory

Two ravens on his shoulders
 Two wolves at his feet
 He is the lord of the golden hall
 He is the god of wisdom
 He is the god of rage
 He is the god of unity and war

Odin - the power god

Now he gathers the Einheriers
 He leads them to the final battle
 Riding in the first line
 Now his spear crosses the battlefield

^{xvii} Banda Wizard. *Beginning of the End*. Álbum *Odin*: Alemanha: Powerhouse Studio, 2003.

Asgards cock crowed

The cock of hell too
 Heimdall's horn sounds in the night
 Einheriers are ready to fight

The beginning-Ragnarfk is coming
 Of the end
 The beginning
 Of the end twilight of the gods

Fenris the dark wolf, breaking his chains
 Chasing the sun and the moon
 The Midgard snake
 Has left the sea of sorrow

Loki rides on a ship made of nails
 Right across the world
 Satur the giant
 Rises with his sons

^{xviii} Banda Wizard. *The March of the Einheriers*. Álbum *Odin*: Alemanha: Powerhouse Studio, 2003.

Practiced for a thousand years
 They're crossing the rainbow bridge
 Reaching the ida field
 Where their destiny waits

The blood-lust in their eyes
 Shines like a star
 Their ground-trembling war cries
 Wake up the dead
 The march of the einheriers

Conviction in their minds
 The will to survive in their hearts
 Standing in silence
 Awaiting the gods
 Prepared for the attack

^{xix} Banda Wizard. *The End of All*. Álbum *Odin*: Alemanha: Powerhouse Studio, 2003.

Odin knew the truth
 But led them all to doom
 Einheriers and gods
 Trust in his words

Follow me to victory
 Let us slay them all!
 In his eye one lonely tear
 Shows his mortal fear

The gods are dying, the world is crying
 In this final war
 The gods are dying, the world is crying
 This is the end
 The end of it all

With a smile on their face
 They march into the blaze
 Together for their holy land

They ride out to defend

Thousand wounds are bleeding
The gods are going to die
Facing their eternity
Under the northern skies